

LUIZ DE MATTOS

V
VIBRAÇÕES
da
INTELIGÊNCIA
UNIVERSAL

9.^a EDIÇÃO

— 1991 —

Sumário

| | |
|--|----|
| Prefácio | 4 |
| Como é sentida a Inteligência Universal | 6 |
| Como a Inteligência Universal é ainda sentida e observada..... | 8 |
| Como se vê a Inteligência Universal | 11 |
| A Inteligência Universal nas montanhas, florestas rios e campinas..... | 12 |
| Como se faz sentir a Inteligência Universal em terra e no mar | 15 |
| Não cantemos às paredes... .. | 16 |
| A Inteligência Universal no campo e no preparo para as sementeiras | 18 |
| A Inteligência Universal no outono e no inverno europeus | 20 |
| A Inteligência Universal na primavera, no verão e nas colheitas..... | 23 |
| A Inteligência Universal nos palácios e nas choupanas | 25 |
| O medo guarda a vinha... .. | 27 |
| Como macaco em loja de louças... .. | 29 |
| A Inteligência Universal na catequese dos silvícolas | 31 |
| A Inteligência Universal na tribuna e nas catedrais..... | 33 |
| Um jornalista em apuros | 35 |
| A Inteligência Universal na História | 37 |
| A Inteligência Universal na guerra | 39 |
| A parada real..... | 41 |
| Só vencerá quem se apoiar na força espiritual..... | 43 |
| Amar a Natureza | 44 |
| O homem e as leis a que está sujeito | 46 |
| Dar a cada um o que lhe pertence | 47 |
| As mulheres do Brasil..... | 48 |
| A verdade ofusca a mentira | 49 |
| O homem e o animal..... | 50 |
| Viver é lutar, e lutar, com valor e paciência, é vencer..... | 52 |
| Em que consiste a superioridade nos homens..... | 53 |
| A Inteligência Universal nas Artes | 55 |
| I - As Tapeçarias | 55 |

| | |
|--|----|
| II - A Arquitetura e a Escultura | 57 |
| III - A Ourivesaria | 59 |
| IV - A Pintura | 61 |
| V - A Poesia..... | 62 |
| VI - A Música | 65 |

Prefácio

A vida agitada e fecunda de Luiz de Mattos está a exigir um biógrafo.

Espiritista por excelência, raramente se terá visto um homem de tamanhos empreendimentos materiais, realizados até os cinquenta anos de sua vida repleta de lutas e de canseiras, de grande e acatado homem de negócios e industrial, sem fugir às alternativas da riqueza e da pobreza oriundas do emprego de vultosos capitais, numa época de incertezas como aquela em que viveu.

Mal, porém, se iniciara nos estudos da vida fora da matéria, para fundar o Racionalismo Cristão, começaram a aflorar-lhe, com maior intensidade, aqueles mesmos atributos espiritualistas que constituíam um traço marcante da sua personalidade, surgindo então para o mundo o doutrinador sincero e convicto, que a todos sabia empolgar com a sua palavra esclarecedora e franca.

Passou Luiz de Mattos a viver, daí para diante, os dezesseis anos mais úteis e não menos agitados de sua admirável existência.

Espírito combativo e destemeroso, em breve já não o satisfaziam as doutrinações candentes em que verberava hábitos e costumes duma época corrompida, nem se contentava com as conferências públicas que fazia para verdadeiras multidões e, por isso, fundara *A Razão*, onde diariamente expunha seu ponto-de-vista sobre os assuntos palpitantes do dia.

Mas, é bom que se diga, o jornalista do antigo diário, de então, não suplantava o espiritualista que sempre fora.

E ei-lo a doutrinar também pela imprensa aos seus inúmeros ouvintes das explicações e conferências sobre o Racionalismo Cristão.

* * *

Luiz de Mattos foi, talvez, o jornalista mais discutido de seu tempo.

E nem o podia deixar de ser.

Sua linguagem franca e sem rebuscos, feria, a fundo, os dogmas e costumes duma sociedade que ainda sofria as conseqüências da revolução social imposta pela primeira conflagração européia.

Dizer se alguém, naquele tempo, já espírita, era audácia.

Pregar, publicamente, contra obsoletos preconceitos sociais ou dogmas religiosos, zelosamente seguidos por ignorância ou subserviência, era expor-se ao ódio e às perseguições dos que se sentiam feridos em sua vaidade ou interesses, muitas vezes inconfessáveis.

Dai, as grandes lutas que Luiz de Mattos teve de sustentar contra os poderosos da época, o que fez sem desfalecimento e com altivez e sobrançaria.

* * *

Vários dos capítulos enfeixados neste volume são daquela época e foram escritos quase “sobre a perna” no “bruaá” da redação, sob as exigências do jornal.

Exigências de assuntos e de feitores, de não perder a oportunidade de esclarecer seu semelhante com a clareza, a boa vontade e o desejo de ser útil que havia em Luiz de Mattos.

E, coisa singular: a linguagem dele é sóbria, apesar de descer a minúcias interessantes; persuasiva, sem desesperanças; pitoresca, rica e, quase diríamos, saudosa, ao evocar paisagens e fatos de seu velho Portugal; entusiástica e amiga, ao referir-se às nossas coisas ou ao nosso Brasil querido.

Preferimo-los, em meio a milhares doutros capítulos, justamente por libertos daquele ardor combativo que marca a maioria de seus escritos e o tornou tão popular em seu tempo. É uma prova de como sua pena maravilhosa se comprazia em descrever aspectos e coisas numa linguagem pouco conhecida de seus numerosos admiradores, mas por eles, estamos certos, muitíssimo apreciada.

Assim reunidos, esses artigos de assuntos tão díspares, dogmáticos, uns, descritivos e até humorísticos outros, têm a ligá-los, como um invisível traço de continuidade, aquele estilo vibrante e inconfundível do grande jornalista e doutrinador que foi Luiz de Mattos.

Junho, 1946

OTHON EWALDO

Como é sentida a Inteligência Universal

Luiz de Mattos não foi somente o doutrinador do Racionalismo Cristão, ou o polemista ardoroso e destemido, tão discutido na sua época. Inteligência viva, servida por uma cultura geral, legou-nos também páginas de lídima literatura, muitas delas esparsas na coleção de A Razão e outras já enfeixadas em obras póstumas. A que vamos ler, é uma admirável descrição de cenas campesinas, impregnada de beleza agreste, a que a riqueza do vocabulário e o cunho realista emprestam singular colorido.

Já em tempo nos coube a grata tarefa de dizer, pela imprensa, que a Inteligência Universal está em toda parte:

- 1) Porque é a força organizadora e incitadora de tudo quanto existe neste planeta e no Universo;
- 2) Porque é a fonte do bem, e, assim, da moral e de todas as virtudes humanas;
- 3) Porque o seu todo anima, movimenta e desenvolve os seres e as coisas;
- 4) Porque é a obreira, a artífice deste e dos demais planetas, e a força ou vida de todos os mundos;
- 5) Porque é Vida Universal;
- 6) Porque é incorpórea, e em todas as manifestações da vida ela se faz sentir;
- 7) Porque é a Força Universal, e tudo o que tem vida encerra uma sua partícula, embora diminuta.

E porque assim é, e está em toda parte, a Inteligência Universal é sentida e compreendida bem claramente nas várias manifestações dos reinos da natureza, conforme a categoria de cada ser, o estado da sua matéria e o desenvolvimento dessas suas partículas na Terra.

Em virtude desse racional princípio, é a Inteligência Universal sentida:

No conjunto harmônico dos reinos da natureza, na formação e desenvolvimento de cada exemplar desses reinos e muito especialmente na incomparável grandeza da floresta brasileira, desde o coqueiro jicara, vulgarmente denominado palmito, esguio e belo, e o imponente jequitibá, rei dessa floresta, à peroba, ao cedro, a todas as grandes árvores que se procuram desenvolver, crescer, subir, como a querer encravar-se na abóbada azulada do planeta, a procura de luz puríssima, que é abundante, forte e bela neste Brasil querido.

É também sentida a sua suprema Força, no desencadear de fortes ventanias do quadrante sul e sudoeste, no desabar de tremenda tempestade de trovões e raios, coriscando no espaço e curveteando, ziguezagueando por entre mil lianas, folhas e troncos dos exemplares dessa floresta, especialmente na que cobre a Serra de Paranapiacaba e que, na sua encosta e vargedos, por oitenta léguas de extensão a seis, doze, dezoito e mais quilômetros de largura, de Angra dos Reis em diante, se ostenta

como a mais imponente de todas, e depois, no cair tremendo de torrencial chuva, tocada por suestadas fortes, tudo arrasando e arrancando, pela base, na sua passagem.

É ainda sentida dentro dessa imponente floresta verde-negra, no bramir das cachoeiras que, despenhando-se de setecentos e mais metros de altura, vão, no seu transbordamento volumoso, e rápida queda, trazendo árvores e penedos colossais até à várzea, formando caudaloso rio, sobre cujas revoltas águas, em ondulações encachoeiradas, se vêem passar inúmeros troncos de árvores seculares e animais imprevidentes, colhidos nos seus esconderijos e arrastados para essas correntes impetuosas, que se desenvolveram no planalto, cresceram, avolumaram-se e formaram força colossal na descida, até alcançar o lagamar e desaguar no oceano, ponto final de todos os rios.

Após essa tremenda tempestade de vento, com trovões, raios, coriscos e chuvas torrenciais, é também observada e sentida a Inteligência Universal no clarear de tudo, no irradiar do Astro-Rei, o fecundador do solo, por sobre essa imensidade, a fazer rebrilhar – nas folhas das árvores, nos musgos, nos parasitas, dentre os quais se sobressai o guaraguatá, agarrado às rochas e nas belas folhas do cipó-imbé, até às verde-negras folhas aveludadas do caeté – as gotas de água que, após a tempestade, ali deixam a orvalhada da calma noite que a ela se seguiu, como se brilhantes fossem e, com eles, facetados e luminosos, ao serem irradiados pelos raios criadores e alentadores desse Astro-Rei.

É ela sentida, aí, nesse meio imponente da natureza, após esse quadro belo-horrível, tétrico, medonho, no raiar de uma manhã primaveril e no ciclar da brisa por entre as palmeiras altivas e em crescimento, por entre as mil lianas, troncos, folhas e flores, que aí se encontram e que, antes, foram açoitadas pela forte ventania de sudoeste, base da tempestade tremenda, mas purificadora e abastecedora dos regatos, córregos e rios, e pelo inebriante aroma das variadas orquídeas, trepadeiras e outras flores, no cantar dos pássaros, na alegria que os invade após o temporal que os fez passar noites em claro, transidos de susto, e dias horríveis, frios, pesados e cheios de fome .

É ela também sentida nessa mesma floresta, assim grandiosa e bela, no veado mateiro, esbelto, vivo, pulador e corredor; na paca, toda chitada, couro sarapintado de branco; na esguia e sagaz cotia; no catete, no caetetu, ou queixada, em bandos, manadas ou varas; na capivara, alentada e medicinal; na anta ajumentada, dorso longo, pescoço curto e grosso, anca e lombo carnudos, tromba curta, mas terrivelmente dilaceradora, todas fora dos seus ninhos, das suas tocas e esconderijos, em procura das sevas, dos sítios das mais tenras e aromáticas pastagens, de melhores cocos e tubérculo que, em abundância, existem nessa grandiosa floresta.

É ela sentida nas cavernas, onde o jaguar (tigre brasileiro) e a onça parda se encontram recolhidos, a amamentar a sua prole, a qual é por eles tratada com um zelo, um carinho, um amor por vezes superior ao do homem, sem educação da vontade, mesmo o das cidades, tidas por civilizadas; e mais claramente sentida é ela, quando esses filhos das selvas, denominados animais ferozes, saem, após a tempestade de chuva e vento, das suas cavernas, e vão à caça do macuco, do nhambu, do uru, da juriti descuidada, do tatu, da cotia, da paca, da capivara, do catete e caetetu, estes últimos perseguidos na cauda da manada ou vara, donde são arrebatados os exemplares que mais agradam aos perseguidores, sem o menor risco de ataque pelos que compõem a vara, os quais, seguindo sempre em frente, para o seu coqueiral ou frutal, não voltam atrás para libertar os companheiros das astutas e fortes garras de tão impiedoso inimigo.

É ela sentida ali mesmo quando o estudioso botânico, o audaz vaqueano ou o corajoso caçador, na sua barraca armada à margem de um regato, ou no rancho de beira no chão, coberto com folhas da prestimosa e linda palmeira guaricanga, altas horas da noite, sem um raio de lua a clarear o recinto, embora bela na campina, ouve o rugir, o roncar aterrador, ameaçador, do jaguar, ou da onça parda, porque pressentiu nos seus domínios, no seu grande e belo mundo, o seu natural inimigo, o homem, rei dos animais, como ele próprio se inculca, acampado, tranqüilo, muito à vontade, muito senhor de si, como se estivesse em casa sua, em pleno domínio seu.

Nesse roncar e rugir de fera orgulhosa do seu poder, da sua força e do seu direito; sente-se bem a manifestação de revolta e a ameaça dessa partícula da Força, antes meiga, carinhosa, verdadeiramente paternal, quando na caverna, ao lado da sua prole, dos seus filhinhos, e, assim, a manifestação, embora instintiva, da partícula inteligente, a provar ao homem como se ama e defende o seu natural direito e como se cumpre o dever, mesmo entre os seres mais terrivelmente ferozes da criação, que chegam ao ataque, à dilaceração de quem intente contra o mesmo direito e poder, contra a sua propriedade, os seus domínios, que são o corpo físico, para a sua depuração, a sua liberdade, os seus filhos e a sua floresta, que para eles é a mais bela, a mais rica, a mais grandiosa das propriedades da Terra.

Em tudo o que aí fica, sente-se a Inteligência Universal, e se observa a sua força e grandeza nas diversas manifestações dos reinos da natureza, porém mais de perto ela se sente quando se trata do ser humano, sua partícula mais evoluída, como o leitor verá a seguir.

Como a Inteligência Universal é ainda sentida e observada

Além de ser a Inteligência Universal observada e sentida nos diversos reinos da natureza e, sobretudo, nas manifestações, embora simplesmente instintivas, de todos os animais, em plena floresta virgem, como ficou descrito no capítulo anterior, é ela também mais nítida, mais claramente observada e sentida neste planeta:

Quando a criança nasce e solta o primeiro vagido, contraindo os lábios, as faces e os olhos, abrindo e movimentando as mãos e as pernas, como que protestando contra a violência da sua ligação, da sua prisão à matéria organizada, e como que querendo saltar-se dela, fugir e alar-se para o mundo de luz de onde veio, voluntariamente, a enclausurar-se no dito corpo e neste planeta.

Observa-se e sente-se a Inteligência Universal no desenvolver rápido dessa criança, quer no seu corpo carnal, quer na sua partícula inteligente, e nas suas manifestações sorridentes, graciosas, meigas, verdadeiramente inocentes, infantis, umas, com aparência de velhos, quando imitam os papás, os vovozinhos, ou mesmo os antigos criados, outras, jogando a cabra-cega nos relvados, ou nos salões dourados, recitando versos feitos para elas, ou ainda, representando comédias infantis, nos dias de festa, especialmente nos dias de seus anos, para que todos de casa e de fora fiquem satisfeitos.

Observa-se e sente-se a Inteligência Universal nos bandos de crianças que já sabem correr, rir, pular a corda e jogar a bola, representar e recitar, quando em plena liberdade, fora das cidades, nas praias, nas casas de campo, nas verdes, doiradas e alegres campinas, onde correm, saltam, brincam, riem, fazem partidas umas às outras,

ou colhendo braçadas de flores, de cores e formas várias e lindas, com elas fazendo coroas para se coroarem de reis ou poetas célebres, ou enfeitarem as suas casinhas improvisadas na campina ou na areia fina e branca da praia; ou ainda para formarem ramalhetes que vão depor nos regaços das mamãs, nas mãos ou sobre os joelhos dos papás, para em casa ornarem os seus dormitórios, as salas das refeições.

Observa-se a Inteligência Universal nesse nascer e viver descuidado das suas humanas partículas, nas suas naturais expansões de alegria, nos seus movimentos desordenados, nos seus cantares, nos seus risos, nos seus pulares e conversas próprias de seres em desenvolvimento, perturbados, ignorantes da sua origem, do seu papel e dos seus deveres neste mundo, como também se observa no sorriso, na alegria, no bem-estar que sente a noiva no dia do noivado, já com os cravos, camélias ou rosas brancas, em ramalhete, no regaço, para sobraçar ao levantar-se e ser-lhe colocada a aliança, para assinar, após o contrato matrimonial, e assim ultimar o ato mais sério, mais alegre e mais feliz da sua vida, por ela sonhado, durante anos, rodeada de seus pais, parentes e amigos, das suas amigas e companheiras de colégio, de música e passeios, de todos recebendo abraços e ouvindo parabéns pelo ato de suprema ventura que acaba de realizar.

Sente-se-a, ainda, nos primeiros tempos desse enlace matrimonial, nos sorrisos, meiguices e carícias que os esposos trocam em abundância, a todas as horas, a todos os momentos em que podem estar juntos, livres das vistas e das irradiações de pensamentos de pessoas estranhas à sua grande, à sua imensa alegria e suprema ventura, apesar de ignorarem o que seja um casamento realizado entre tantas flores, risos e abraços, verdadeira primavera humana, toda luminosa, toda dourada, toda flores, aromas e sorrisos.

Sente-se-a e observa-se, após alguns anos desse convívio amigo, como deve ser o de todos os esposos, mais ou menos florido, mais ou menos da mesma maneira sentido, quando tudo isso é substituído pela tristeza profunda que se denuncia no semblante dos esposos, porque os gênios não combinam e cada qual puxa para o seu lado, maldizendo aquele dia primaveril, lindo, repleto de flores, sorrisos, parabéns, cantares, músicas e amores, em que se ligaram para toda a vida, até à morte, ou porque havendo, embora aparente, entre eles uma harmonia e calma relativas e uma nítida compreensão dos seus deveres, como esposos e como pais, um dos filhos se acha enfermo e o médico, apesar do seu esforço e dedicação, não lhe dá volta, não o arranca do leito, onde jaz há meses, e assim prevêem um desenlace fatal, sem que eles, esposos e pais, possam remediar, possam dar alívio àquele ser, sangue do seu sangue, carne da sua carne, como vulgarmente se diz.

Sente-se e observa-se também a Inteligência Universal quando o filho desse casal, desses esposos toleráveis e tolerantes em suas recíprocas fraquezas, falece, desencarna, e com ele vão as suas melhores e mais risonhas esperanças de terem ao seu lado um esteio, um companheiro repleto de vida, de amor e de carinho; sente-se e observa-se, neste instante aflitivo e pungente em que o feroz egoísmo paterno abafa o raciocínio para dar inteira expansão à parte material, deixando somente que, após a saída do corpo filial, as almas desses esposos e pais desanuviem, depois da terminação dessas manifestações ditas nervosas, oriundas do egoísmo, soltando, então, cá para a luz física, as lágrimas sentidas e humanas, que são as pérolas das suas almas compungidas.

Nesses momentos, ou noutros idênticos, tornam-se patentes, bem claramente, os dois elementos do Universo, sendo que a força, a alma, só se exterioriza, por último,

após as manifestações dos instintos, dos hábitos, do egoísmo, filhos da parte animal, visto que só com a calma espiritual é que ela, a alma, pode dar expansão às suas qualidades, e manifestar-se tal qual é.

Sente-se, ainda e sempre, em todos os esposos, pais e mães, quando se aproxima a hora da sua partida para o além e que, ignorantes da vida real, mas certos de que têm de deixar os seus entes mais queridos, por vezes em tristes condições materiais, derramam lágrimas sentidas, saudosas, repletas de amor, por terem de abandonar esta vida e esses seres que fazem parte do seu eu, vida da sua vida, os quais, após a morte, deixarão em abandono, na miséria; aí, é a alma que sente, que se manifesta, que chora, sem qualquer egoísmo, porque a situação já é outra: mais humana, verdadeira, e nitidamente espiritual.

Sente-se também na atitude e no aspecto que, na prisão, num desses dantescos compartimentos, num cubículo sem luz, sem ar, sem a menor comodidade, mantém um terrível assassino ou traidor da Pátria, após algum tempo de reclusão, atitude, posição, aspecto e, por vezes, lágrimas, que são as manifestações do acordar da alma para a vida real, para o conhecimento dos seus erros; nesse terrível momento, toda a hediondez dos seus crimes, que ele jamais praticaria se o houvessem esclarecido e tivesse educada a vontade, convencido da existência da alma e da vida eterna, fora deste mundo de torturas e misérias.

Aí, nesse cubículo, nessa atitude, nesse isolamento, raciocinando sobre o seu passado e o seu estado de repudiado da sociedade, da Pátria, do mundo e até do Sol criador e da luz animadora, esse criminoso pode atrair de fora de si, de mundos superiores, uma força do bem que, aproximando-se, lhe intui todo o seu passado de crimes e de misérias, e lhe dá a noção nítida da vida do além, dos mundos de luz, habitados por espíritos bons e justos.

Nessa bela intuição e noção de amor ao próximo, como a si próprio, reconhece então todas as suas más ações, todos os erros instintivamente praticados, frutos do mau uso do seu livre-arbítrio, e eleva-se acima do mundo físico, de todas as coisas humanas, confundindo a sua alma com as almas Superiores, que atraiu pelo arrependimento, e, assim envolto na luz dessas entidades puras, com o sentir elevado, livre da matéria, chora da saudade imensa sentida do mundo que lhe é próprio, que nunca viu na Terra, mas que, naquele triste momento da sua vida, lhe foi intuído e sentiu, como vislumbrou também a felicidade, a fraternidade, a igualdade, a liberdade e o amor que em tais mundos superiores gozam os seres espiritualizados e aos quais chegaram e fizeram jus pelo bem fazer e pensar.

Nesse estado, é a alma que sofre, porque sente as suas fraquezas, os seus crimes, e sabe que, tão cedo, não pode ir gozar a felicidade intuída e sentida, no mundo que lhe é próprio, porque quem mal faz para si o faz, e assim a própria consciência atormentada a impede desse tão almejado gozo.

Eis como se sente e se observa a Inteligência Universal, nesse nascimento, nesse crescimento, nesse rir, nesse brincar, nesse pular da juventude, no noivar dos adultos, no sofrer dos pais, nos seus gestos, atitudes e lágrimas, e nas atitudes, gestos e lágrimas dos criminosos atirados nos cubículos de tenebrosas prisões, sem um raio de luz que lhes ilumine a alma e uma réstea de Sol que lhes aqueça os corpos e facilite assim a noção das coisas sérias da vida.

Mas, há mais ainda, que iremos descrever.

Como se vê a Inteligência Universal

Como se sente a Inteligência Universal neste mundo de torturas, neste presídio de almas, neste alambique onde suas partículas se vêm depurar, já ficou fartamente demonstrado nos capítulos anteriores, e como é ela vista, tanto quanto possível, através da densa atmosfera, seres e coisas deste inferior planeta, vamos demonstrar aos que de boa vontade e desejosos de progresso procuram colocar-se em condições de bem compreender o que lêem e ouvem; esse estado consiste em colocar os pés no mundo físico, e o mental, o espírito, no mundo espiritual, fora das coisas e misérias terrenas.

O homem, quanto mais espiritualizado, mais consegue o poder de elevar a sua alma além das condições do tempo e do espaço, e de penetrar as coisas do passado e do futuro, por ínfimas que sejam; mais obedece ao amor e à bondade, e maior alegria, maior contentamento sente, já o disse alguém, e é pura verdade, aquele que concorrer para que outros compartilhem da sua felicidade, minorando-lhes os padecimentos e prodigalizando-lhes somente benefícios.

Em tais condições colocado o ser humanos não lhe é difícil compreender a Inteligência Universal e como está ela em toda parte, podendo até senti-la e vê-la, porque então facilmente compreende que sendo ela a luz, a vida de todos os seres e corpos, que atua em todas as coisas, pode ser vista no planeta Terra, nas résteas ou focos de luz, desde o romper da aurora, em dias primaveris, ao iluminar os cabeços dos montes belíssimos da zona tropical, até ao majestoso pôr-do-Sol dessas tardes mornas, que sucedem aos dias cálidos dos países meridionais.

Vê-se-a no prateado das areias das lindas praias do Brasil – as primeiras em extensão e beleza que no mundo existem – em noites de abril, e assim no florir e colorido das orquídeas de várias cores, aromas, tamanhos e feitios, das rosas, dos cravos, das camélias, das violetas, das árvores frutíferas e também nas plumagens multicores dos pássaros que habitam as florestas deste Brasil imponente, desde o Amazonas ao Prata.

Em todo esse conjunto de belezas naturais, é ela vista, sentida e observada, porque sendo a máxima beleza, a máxima força, a máxima vida, em tudo se retrata e em tudo, como alma, como vida, se manifesta.

Vê-se-a, mais claramente, quando a sua partícula humana, em desdobramento ou após a inércia da matéria, se apresenta com seu duplo-etéreo ou corpo astral, aos seus parentes e amigos.

Vê-se-a, hoje, como foi vista muitas outras vezes, nos templos do Egito, na Índia, na Grécia, e por toda parte:

- 1) Na figura de Jesus, quando, após a sua trágica morte, apareceu, em corpo astral, aos seus apóstolos, para demonstrar-lhes, na prática, tudo quanto havia explicado, em teoria;
- 2) Na figura de Santo Antônio, deixando em Pádua o seu corpo carnal e transportando-se a Lisboa em corpo astral; e na aparição de tantos outros seres, mencionados até nas publicações Católicas Apostólicas Romanas, e outras;
- 3) Na luz puríssima da aura que envolve seres encarnados, verdadeiramente virtuosos, vista, bem claramente, pelos inúmeros videntes, e até já fotografada por investigadores honrados;

4) Nas formas diversas de luz astral, já em globos de várias cores e tamanhos, em estrelas, em pirilampos e outros, e já na transformação desses globos e estrelas em rostos humanos aureolados, envoltos em fluido astral branco diáfano, semelhante a uma gaze que os médiuns videntes observam também nas correntes fluídicas;

5) Vê-se-a, ainda, quando suas partículas, as Forças Superiores, os espíritos puros, em dias e horas próprias, atraídos por correntes fluídicas, para tal fim organizadas, se apresentam em corpo astral branco e diáfano, aureolados pela luz que lhes é própria, a espargir fluidos sobre líquidos e corpos, e a animar as criaturas para a luta tremenda da virtude contra o vício, do bem contra o mal, da verdade contra a mentira, da luz contra as trevas.

Aí, nessas correntes, não só é ela vista, na sua luz puríssima, como se sentem os efeitos da sua irradiação, da sua assistência aos que sofrem e aos que lutam em bem da humanidade.

É assim observada, não só nas suas manifestações de luz, no colorido das flores, em toda a natureza, como na aparição das suas partículas, já em corpo astral, branco, diáfano, já nos diversos globos, estrelas de luz e nas auras dos chamados santos, pintadas por artistas célebres, cuja mediunidade vidente tiveram, para isso, desenvolvida, a fim de reproduzirem na tela, com toda a verdade, o que fora do mundo físico existe e que a ele vem quando os seres humanos se colocam em condições de bem atrair.

Nesses corpos astrais, já fartamente conhecidos e observados por pintores célebres e eruditos de real valor e, em parte, por eles fotografados, não só se observa a matéria quintessenciada, como a força, a inteligência, a luz que de tal matéria, e outra qualquer astral, fez o que lhe apraz, dentro das leis naturais.

Por esses fenômenos, por essas visões, se verifica o que é a matéria e o que é a força, e assim os dois únicos elementos de que se compõe o Universo.

Esquecem-se as criaturas de quem mal faz para si o faz, e que todos têm que responder pelo mal que fizeram. São leis que não falham e que se fazem sentir, principalmente, após a alma liberta da matéria, depois de transposta a atmosfera deste planeta, quando já no seu mundo de luz. E são de tal perfeição essas leis, que, por vezes, as almas encarnadas começam a sentir o início da execução das mesmas, após as más ações praticadas.

Libertos da matéria, e ao acordarem para a vida real, é que os seres materializados readquirem uma visão mais ampla e precisa da triste situação a que chegaram pelas suas más ações, e por não terem sabido cultivar os princípios da moral cristã e dar cumprimento aos seus deveres na Terra.

A Inteligência Universal nas montanhas, florestas rios e campinas

Amante da natureza e caçador emérito, Luiz de Mattos deixou-nos inúmeras páginas descritivas da grandiosidade das florestas brasileiras e da fauna que as habita.

A que vamos ler, só poderia ter sido escrita por quem tivesse palmilhado aquelas serranias espessas, ouvido os rumores de suas águas encachoeiradas e sentido as aromas de suas matas virgens.

A Inteligência Universal é sentida e demonstrada nas várias manifestações dos reinos da natureza e, particularmente, entre os seres alados.

Na águia, de presa feita, descendo, em vôo rápido, aos abismos rochosos da penedia negra das mais altas montanhas da Europa, para alimentar e defender, com o ardor e a audácia dignos de sua raça, a sua prole, os seus filhos, que, de boca aberta, asas em movimento acariciador, recebem das garras aduncas dessa rainha dos ares, o cibo da lebre, do coelho, do anho, do cabrito montês, da corça, arrancado por ela com o bico curvo, forte como o aço, para voltar, após, ao abismo fragoso, e pousar no mais alto dos penedos da serra, a espanejar-se, a abrir as grandes asas ao Sol, alegre, satisfeita, olhar altivo e estendido pelo vasto e belo horizonte, como quem tem consciência do que é, do que vale e do dever cumprido.

Sente-se-a na fuga do cisne, quando perseguido por ave de rapina, e no grito de medo, de dor antecipada, triste, prolongado, suplicante, que solta quando sente cravar-se no seu peito as garras aduncas do seu perseguidor, que assim o abate e com ele tomba na margem do rio, dilacerando-o, ali mesmo, se já fartos estão os seus filhos, os habitantes da sua morada.

Sente-se-a, ainda em plena floresta tropical, no grasnar do tucano que, em bando, ostenta o seu grande bico e o peito vermelho e amarelo, voando de fruteira em fruteira, a fazer pela vida; é ela sentida também no piar, longo, sonoro, do acastanhado e levemente apedresado macuco, quando, ao pôr do Sol, à boca da noite, se retira para o seu pouso e nele se instala, a sacudir-se, no farfalhar das suas asas, ou quando chama a companheira para compartilhar dos saborosos frutos que, no seu andar pela soberba floresta virgem, encontrou em abundância, debaixo da árvore que os produziu; sente-se-a, de igual modo, quando, perseguido pela onça parda, denominada também onça macuqueira, que procura atraí-lo, imitando o seu piar, embora menos nítido, menos longo e suave, por ser gutural, ou quando descobre o caçador que o procurou atrair e enganar, piando tão nitidamente, tão longa e sonoramente quanto ele, e quando dele foge, após reconhecê-lo, numa carreira vertiginosa, passos largos, cabeça levantada por entre as folhas do verde caeté, mais parecendo uma cobra, pela configuração da cabeça e o esguio colear do pescoço, do que uma ave, produzindo um pio na fuga, tremido, constante, como sendo um aviso, um sinal combinado entre ele e os da sua raça, de que o inimigo está na mata.

Sente-se-a mais, aí mesmo, no cantar estridente, semelhante ao ferreiro malhando sobre a bigorna o ferro que precisou moldurar, da araponga, que se ostenta, como um floco de neve ou montículo de algodão em rama, na mais alta grimpada da mais alta árvore, como a gameleira, peroba, cedro ou guaperubu, que naquele estridente cantar, em pleno ermo, em ampla solidão, dá bem a idéia da vida fora da matéria, da força criadora em ação por toda parte.

Sente-se-a, ainda nessa mesma floresta, no cantar do sabiá, nesse tom, nessa toada dos cantares árabes em pleno deserto, a caminho do oásis desalterador; no canto original da pomba legítima e do juriti arrulador, mais parecendo um ralhar do que o cantar de aves, como a demonstrar os erros de todos os outros alados, que deviam ser menos barulhentos, menos denunciadores das suas existências e estadas; menos oferecidos, para não serem tão facilmente vistos e caçados pelo homem, que nada respeita, que tudo persegue e mata, para se deleitar e alimentar; no grasnar alto, barulhento, imprevidente, do jacuguaçu, quando o bando ou o casal se acha no pouso

entre as folhas largas e lindas do cipó-imbé e as folhas da árvore, em cujo galho pousa e dorme, habitualmente, ou quando o bando se levanta, perseguido por tenaz caçador.

Assim na mata, e depois no campo, em plena macega, o cantar da perdiz, da mesma família do macuco, do mesmo porte e cor, desafiando o caçador e o seu perdigueiro; no levante do seu vôo rápido, guizalhante, de difícil pontaria, por entre as pernas do caçador e da montada; da seriema e da ema, em bandos, debaixo das mangabeiras, a comer o saboroso fruto, ou à beira da lagoa, preguiçosamente deitadas, após o frescor interno e externo, e, ainda, do caçador e da sua montada, prática, paciente, e da mestria do seu cão inteligentíssimo, bem ensinado, que nada faz sem ordem do dono, na bela atitude deste marrado, perto da perdiz, no levante desta pelo cão, ao mando do caçador, na pontaria e descarga por ele feitas, na morte e no cair farfalhante da perdiz, no abocar do mestre perdigueiro e no transporte, por este, até os rês do caçador, se ainda desmontado, ou levantando as patas dianteiras, para depor nas suas mãos, se já montado ou se mesmo montado atirou, e no pular alegre, satisfeito, contente, desse belo e inteligente perdigueiro, após o dever cumprido.

No mesmo campo, manchado de capoeirões sombrios, o rastear, o levante e a corrida vertiginosa do alentado e notável corredor, que é o veado campeiro; perseguido por soberba e amestrada matilha, ao mando de mateiros e caçadores montados, vaqueanos práticos e destemidos.

Nesse belo quadro de ataque e defesa do veado, na perseguição, até à morte, pela matilha de cães amestrados, com o ponteiro numa ânsia de “pega-não-pega” a sua vítima, e o resto da matilha em toques seguidos de denúncia de levante do animal perseguido, que continua em carreira vertiginosa pelos seus caminhos em direção ao rio ou córrego mais próximos, para nele se atirar e assim escapar à perseguição dos cães e dos caçadores; no cavaleiro que, em seguida ao grito, ao toque de levante, governado pelo ponteiro da matilha, se dirige, numa disparada audaz, saltando formigueiros, vales, barrocas, a cercar o veado, antes dele cair no rio ou desaparecer, internando-se no capão e, chegado ao ponto de espera, se ainda tem tempo, desmonta, para atirar no seu perseguido ou, se pressente que ele já está quase a saltar-lhe na frente, se queda a cavalo e este, mestre nestes torneios, sentindo as rédeas frouxas, soltas sobre o pescoço, retesa o lombo, firma as dianteiras e as traseiras, acabana as orelhas e, como que em concentração, aguarda o disparo do tiro e o sinal do cavaleiro para continuar na mesma atitude, se o tiro foi certo e o veado caiu, soltando o último lamento, ou, se ele conseguiu escapar, partir como um relâmpago na direção, indicada pela rédea e pelo corpo do cavaleiro, atento ao toque, ao latir do ponteiro da matilha, para dar-lhe novo cerco.

E, após longas horas de perseguição ao veado, a queda deste pelo cansaço, junto das pernas do cavalo ou do caçador desmontado, língua de fora e berro de vencido, como que suplicando misericórdia, e a chegada dos cães sem mais poderem latir, caindo em volta do seu perseguido, sem o poderem tocar com os dentes, por nenhum ter forças para os descerrar e morder.

Nessa atitude de vencidos pelo cansaço, apeia-se o cavaleiro, segura o veado pelas patas dianteiras, prendendo-lhe as traseiras com o pé direito, tira da cava a sua faca e sangra-o na gorja para, depois de completamente inerte, amarrá-lo na garupa ou na frente da sela e caminhar, passo lento, para o rancho, dando na sua trompa de caça o sinal de vencedor e de retirada, para que a matilha e os companheiros se certifiquem de estar terminada a caçada e de que devem seguir rumo ao acampamento.

Como se faz sentir a Inteligência Universal em terra e no mar

Sente-se também essa Inteligência Universal todo-poderosa:

No desalinho das crianças, no seu aspecto triste e decadência física, originadas pela fome, pelo frio, pelas insônias, e nas lágrimas que choram, produtos da orfandade completa em que os deixou a morte prematura dos seus queridos pais, e que nem um brinquedo, um graveto para o lume, nem gordura para o caldo, nem uma migalha de pão, embora preto, nem dez centavos para o comprar, deixaram aos pobrezinhos.

Sente-se-a também no triste e fraco sorrir de resignação e nas contrações das dores, nos horríveis sofrimentos de criaturas recolhidas aos hospitais e que da vida fácil, farta e descuidada que sempre levaram, chegaram àquele triste estado, próprio dos seus descuidos, da sua falta de raciocínio, da sua ignorância sobre os porquês da vida e da morte.

Sente-se-a, ainda, no aspecto triste, meditativo, no mover da cabeça, no apoiá-la na mão direita, nos olhos sem movimento, a verterem sentidas lágrimas, como pérolas desprendidas da sua alma sobre a banca de estudo, junto à qual se acha sentado o grande, mas desiludido artista, sofrendo torturas ao lembrar-se que é obrigado a apresentar-se no palco, esbelto, risonho, espalhando alegria e ditos espirituosos pela assistência, para a satisfazer e fazer rir, para divertir um público egoísta, mal-educado, ignorante das coisas reais e sérias da vida, e que ali no teatro se acha para gozar à farta, à sua maneira de interpretar os seres e as coisas deste mundo, e para cujo deleite e gozo, pagou a soma exigida ao vendedor de bilhetes.

Sente-se, ainda, quando esse mesmo grande ou modesto artista é obrigado a representar o seu papel de fazer rir o público, no momento em que recebe a triste, a torturante notícia de grave enfermidade ou falecimento de um ente querido, e que de fato entra em cena aparentando alegria, com aspecto de cômico, de brincalhão, de piadista, para, terminado o trabalho, voltar ao camarim e sentar-se na posição descrita, a chorar lágrimas sentidas, tendo nítida, na sua frente, como se presente fosse, a imagem desse ente querido que sofre ou se desagregou do corpo, a quem se dirige, soluçante, com palavras repassadas de saudade, de amor e carinho, ao mesmo tempo que maldiz a sua profissão e situação de artista, em que é obrigado a rir e fazer rir, quando a alma chora e, por vezes, a suportar, sem protesto, as pateadas e os apupos injustos da platéia.

É ela também sentida quando esse mesmo artista se encontra pobre, abandonado, esquecido numa água-furtada ou na enxerga de um hospital, a chorar, a curtir dores do corpo e da alma, filhas do seu desprendimento, da sua confiança, da sua imprevidência, e de haver confiado demais nos aplausos das platéias e coisas deste mundo de mentiras, de sofrimentos, sem ter uma alma boa e amiga para ajudá-lo a sofrer as torturas do último momento da vida, sem sentir a seu lado um ente querido para o confortar, a ele que tanto bem fez, que tantas almas alegrou, consolou, fez rir e até olvidar muitas dores morais e físicas.

Sente-se-a, ainda e sempre, no ser a quem um governo deportou, expatriou para entre gente ignorante da sua língua, da sua posição social e de destaque, em que teve haveres e família, e se vê sem amparo, sem ninguém que o entenda, em completo abandono, a quem a saudade da Pátria querida, dos parentes e dos amigos, faz chorar e sentir a ausência de tudo que teve de bom e de grato.

Sente-se-a, anais nitidamente, dentro de uma caravela, de um veleiro, envolto por um temporal desfeito, de tudo arrasar, navegando sobre o dorso pleno do mar revoltado, em noite horrível e trevosa, com as velas rasgadas, os mastros partidos e quase sem vergas e sem governo, debaixo da aterradora ameaça dos vagalhões que, com redobrada fúria, tudo parece quererem arrasar, e sacudida por trovões, raios e coriscos, quando os valentes tripulantes, nesse terrível momento, já fatigados de tanto lutar e sofrer, se reúnem na câmara, e em volta da mesa de jantar, que ainda existe, ajoelhados, mãos postas, olhos voltados para o alto, em irradiações fervorosas, que poucos como eles sabem fazer, elevados os seus pensamentos, nessa soberba, imponente e bela atitude de homens simples, para, depois, continuarem a lutar, até o amainar da tempestade, esperançados na salvação da sua caravela, do seu lindo veleiro e das pessoas, todas devotadas à causa da civilização, pois, como navegantes, são a personificação da heroicidade, do trabalho e da honra.

Aí, neste quadro horrível, nesse heróico e belo conjunto de seres rudes de aspecto, fortes na luta, mãos calosas, maneiras bruscas, mas almas brancas, límpidas, repletas de amor por todos os que lhes são caros, e por todos os que sofrem, se manifesta, bem claramente, a grandeza, a meiguice, o amor imedível da alma, e como é ela grande, nobre e bela quando, como o marinheiro, o lobo do mar, o herói verdadeiro, que sabe, como ninguém, chorar sobre as desgraças alheias e sofrer, resignada e heroicamente, as torturas da vida, os temporais desfeitos e a ingratidão do seu semelhante e da Pátria, para os quais vive nesse mourejar constante, nesse trabalhar em pleno revolto oceano, qualidades e trabalho que até hoje poucos têm sabido avaliar e nenhum armador e Governo recompensar!

Nesse conjunto de seres humanos, assim em pleno temporal, quase a serem tragados pelo oceano em fúria, a Inteligência Universal se manifesta, bem claramente, bem nitidamente, porque a irradiação da força das almas desses seres, por sobre os seus corpos físicos, é de tal forma forte e pura, que chega a confundir-se com ela, alçando-se aos mundos superiores, dos quais descem efluviações puras sobre as almas desses heróis do mar, desses verdadeiros lutadores, e lhes dá a precisa coragem para continuarem a esperar pela bonança, que não deve tardar.

Não cantemos às paredes...

Os que privaram com Luiz de Mattos, dizem-no causeur admirável. Gostava de palestrar e, espírito culto e cintilante, tinha sempre um caso a narrar, a propósito do assunto que se ventilasse no momento...

O trecho que se segue, descreve-nos interessante cena do litoral paulista, no fim do século passado, ao qual o pitoresco da narrativa empresta acentuado sabor local.

A propósito de não cantar às paredes, vem-nos à mente um fato do nosso tempo de rapaz que, saudosos, vamos narrar, por ter aplicação ao caso de que estamos tratando.

Foi em 1879, num dos belíssimos sítios das redondezas da ilha de Ingá-Guaçu, por Brás Cubas depois denominado Santos, nesse lindíssimo litoral paulista, na noite de 24 de junho, numa festa popular desse povo simples, boníssimo e grandemente pitoresco no falar e no vestir.

O sítio, que se denominava e se chama ainda “Casqueirinho”, ou “Morro do Chá”, integrara, outrora, várias grandes propriedades agrícolas, que naquele então rico município foram fundadas e produziram cacau, café, açúcar, arroz e chá de superior qualidade, em grande abundância, fornecendo, além disso, sementes e mudas de plantas para todo o litoral do Brasil, e até para acima.

Em volta das crepitantes fogueiras, onde se assavam batatas doces, cana e aipim, todos se reuniam para palestrar, rir, brincar e contar histórias de cor local, ao agrado dos presentes, alguns dos quais executavam danças várias, entre elas o Balaio, muito do gosto dos adoráveis praianos daquelas bandas, com indefectíveis cantares, toques de violão, harmônicas, flautas, clarinetas e, sobretudo, de viola, o velho e saudoso pinho que tão doces e gratas recordações produz em quem tem sabido viver a vida dos campos, das praias, vida verdadeiramente racional, simples e despreocupada das coisas políticas, mundanas, todas prejudiciais e venenosas para a alma e o corpo.

Éramos, ao todo, umas sessenta pessoas de várias procedências: da cidade, das praias e dos sítios próximos, mas todas tão realmente irmanadas e joviais, que parecíamos uma só família; porque uma só vontade, um só desejo, um só pensamento reinavam entre nós, fazendo-nos rir, brincar e divertir-nos muito uns com os outros.

Dentre essas pessoas, duas se destacavam pela sua viveza original e pitoresco da linguagem e do vestuário florido como o jacatirão em março: um rapaz e uma rapariga.

Ele se chamava José Guaturama, morador num sítio vizinho, da margem do rio das Onças, e era o mais inspirado violeiro e cantador repentista que se conhecia por aqueles sítios, de fertilidade e beleza incomparáveis.

Era também conhecido como perito caçador de macucos, o que melhor sabia piar e atraí-los e, além disso, um remo valente, o melhor, mais destemido e de mais fôlego canoeiro de toda a redondeza.

Os seus cantares, altas horas da madrugada, quando, à feição da maré de vazante, na popa da sua canoa, a “Santa Rosa”, carregada de palmito, cana doce, batata, aipim, e outros produtos da sua lavoura, se dirigia para o mercado – então a banca da cidade – eram conhecidos e estonteadores das moçoilas, das morenas dos sítios vizinhos e ribeirinhos, até à cidade, e não havia uma só pessoa que lhe não quisesse bem e o não fosse esperar, na volta da cidade, ao porto do seu sítio, para dar-lhe as boas-tardes e os parabéns pelos versos que tirou ao passar, alta noite, por ali, e pela toada bonita com que os acompanhou.

Simple e respeitador, era José Guaturama o representante genuíno daquela raça paciente de pescadores e caçadores, resignada e forte, que tem origem na tribo dos Guaranis, em tempos chefiada por Piquirobe – tribo que ainda habita as imponentes florestas e belíssimas margens dos rios que nascem na Serra do Mar ou Paranapiacaba, e deságuam no litoral, entre Conceição de Itanhaém e Piruíbe.

Ela se chamava Rosinha Sabiá, também morena, também da mesma origem luso-guarani, a flor de maracujá mais mimosa, mais graciosa, mais doce e de menos luxo que por aquelas bandas se conhecia.

Era repentista como José Guaturama, e sem seca, como ele, para cantar ao desafio, não tinha outra que lhe levasse as lampas, que se lhe avantajasse, e, por isso, é que a chamavam Rosinha Sabiá.

Gostava muito do José Guaturama, mas, humana que era, não levou à boa conta uns olhares e uns versos tirados por ele à Chiquinha do Cubatão de Cima, que se achava presente, e os zelos por Guaturama fizeram-na amuar e retirar-se do meio de todos os que riam, palestravam, cantavam, bailavam, e ir sentar-se nas ruínas dum grande portal do casario da velha fazenda do Casqueirinho.

Mas, como o José nada devia, porque nada de má intenção havia feito à Rosinha, e nada temendo, portanto, por ser um moreno de boa raça, dos de uma cana só, não podendo a sua alma boa e pura como a natureza que o rodeava, entre a qual nasceu, suportar por mais tempo, os amuos da Rosinha, foi-se à viola, ao seu pinho querido, herói de mil batalhas e descantes, danças e de amores, colocou-se em frente de Rosinha, cruzou a perna, levantou os olhos, fixou a Lua que, por sinal, estava linda, linda de fazer esquecer o mundo, e tirou estes versos, em toada canoeira:

“Eu não canto às parede
Porque não tenham o que dá,
Eu canto à moça bonita
Que está sentada ao porta”.

Desta primeira tirada de José Guaturama, resultaram muitas outras de versos dele e dela, e tão originais, tão joviais, tão genuinamente brasileiras, tão lindas e de tanta graça, que as pessoas restantes, rodeando os dois cantores, os dois repentistas, ali se quedaram, aplaudindo ora um, ora outro, até que as barras do dia, como lá se diz, romperam por trás dos morros de Tapuruci e Quilombo, e todos se retiraram, alegres e felizes, para tomar café com batata doce, assada no borrarho da fogueira da véspera.

A Inteligência Universal no campo e no preparo para as sementeiras

Depois do relato dos ingênuos amuos da Rosinha Sabiá com o violeiro José Guaturama, numa página tipicamente brasileira, a pena mágica de Lula de Mattos vai transportar-nos a Portugal. Outras paisagens, outros hábitos e costumes, mas a mesma fascinação na narrativa, o mesmo modo curioso de contar as coisas, tão fielmente que o leitor parece ver o que o autor descreve, e sente-se até tomando parte nos episódios assim narrados.

Transpondo-se, mentalmente, o Atlântico, e quedando-se o ser na grandiosa e bela cabeça da Europa, na lusa pátria, onde o sol nasce primeiro e se põe, por derradeiro, nesse belo jardim da Europa à beira-mar plantado, por todas as nações admirado e pelo audaz e cavalheiresco leonês ou castelhano sempre cobiçado, ali, em montes e lindíssimos vales, banhados por brilhante luz quase tropical e aquecidos por um sol meridional, fecundador, se sente a grandeza da Inteligência Universal.

Na partida do lavrador e seus humildes auxiliares, guiando a junta de bois, altos, negros, cabeças erguidas, olhos vivos, cornos curtos e levantados nas pontas, se da raça mirandesa, da província trasmontana, ou amarelos, alaranjados, grossos de corpo, pernas curtas, barbela a tocar no chão, guampas compridas e largas, se do Minho, tirando o carro de estrume e, sobre este, o arado cincinático, sistema antigo, por ser de mais fácil construção e mais proveitoso às regiões serranas, em direção às terras lavradas.

Na chegada à geira ou à derrubada do portelo, para a entrada dos bois, do carro e da comitiva destinada ao amanho e sementeira da terra fértil, e no alto, na parada em pleno campo, onde se faz descer o arado e, depois, descarregar o estrume em montículos, por toda a terra já anteriormente arada, agradada, expurgada de raízes e pedras maiores, e pronta para a sementeira.

Na distribuição da tarefa a cada auxiliar, menor ou adulto, no espargir do estrume por todo o campo, no semear e na atitude senhoril, ponderada, do chefe, lavrador experimentado, há muitos anos afeito àquela lida e mourejar constantes, àquela salutar convivência com o solo criador, fecundado pelo sol, que tudo faz nascer, crescer e produzir, e quando o agricultor, já com os bois jungidos e posto o arado na posição em que deve lavrar a terra, para mistura do estrume, encosta a aguilhada à rabiça do arado, e, rodeado de todos os seus, inclusive do seu belo cão de gado e de lobo, o “Tejo”, que entre eles se encontra, por estar próximo o rebanho que guarda, como auxiliar do pastor, o lavrador, o chefe querido daquela pequena tribo do bem, tira o seu chapéu largo, braguês, e, como ele, os que o rodeiam, e, pensamentos para o alto, fazem irradiações, na sua simplicidade campesina, com as almas cheias de pureza e bondade, para que haja saúde, força e vigor durante as suas sementeiras, que vão começar naquele dia.

É sentida, ainda, quando, após essas irradiações da alma, feitas por todos, em absoluto silêncio, calmos e respeitadores, elevando-se assim mentalmente aos Mundos de Luz, daí a pouco iniciam o seu trabalho, com a alma tranqüila, cantando e rindo, cada qual na sua faina, na tarefa que lhe foi destinada pelo chefe, o qual, segurando à rabiça do arado, chamando os bois pelo nome, em voz forte, mas meiga, principia o primeiro rego, o mais reto que lhe é possível, como norma para os outros, e, assim andando, os bois movendo o arado e o lavrador guiando uns e outros, trabalham todos na perfeita paz de espírito, bem-humorados, gracejando e falando até o lavrador aos bois, que o entendem bem, repreendendo a *Estrela*, porque se está encostando muito ao arado e lesando o companheiro, e alentando, animando o *Diamante*, para continuar sempre assim pelo caminho reto; para que os regos sejam normais, o estrume fique bem aterrado, e no gradear, no aradar, dizem uns, e no desterroar, dizem, ainda, outros, mais certa e seguramente, no alisar, ao aplinar a terra para a sementeira, esta seja bem feita e germine por igual.

Até que ali, pelas dez horas, mais ou menos, o *Tejo*, o cão de gado, dá sinais alegres, ganindo e pulando, de que já transpôs o portelo a patroa, a companheira querida do lavrador-chefe, trazendo à cabeça, na canastra ou cesto próprio, o almoço para todos, para o seu povo, pelo qual já de longe vai gritando alegremente:

– Oh! gente! Oh! António! Parem là com isso, venham ao almoço, à paparoca, que está quentinha e apetitosa!

Antes de atender ao chamado, preparam o penso para os bois, uma boa porção de feno sedoso ou de palha painça, guardada em medas feitas nos eirados, no Minho, e mais umas espigas de milho, tiradas da canastra instalada no pátio da casa, ou junto à eira.

Reúnem-se, depois, todos em volta da ama, ajudam-na a estender a toalha de linho alvo, fabricada em casa, a tirar, da canastra ou do cesto, os garfos, as colheres e o aromático arroz com bacalhau, as sopas de trigo com ele, o alguidar amarelo, repleto de magníficas batatas rachadas, cozidas, de mistura com couve penca, branca e tenra de apeteecer, com azeite novo, o pão grande de centeio ou de milho, da última fornada da

semana, e a cabaça ou borracha de vinho palhete, verde ou maduro, de casa, da última colheita, para regar aquela primeira refeição do dia.

Na distribuição, por cada um, no prato que na mão ou no joelho seguram, da ração de arroz, de sopas de trigo e de batatas e legumes saborosíssimos, e na alegria e satisfação com que todos fazem a refeição, como se no mundo não houvesse homens egoístas e escravocratas e sofrimentos e misérias por toda parte.

Nos ditos alegres, nos cálculos que uns e outros fazem para se divertirem, por ocasião da tirada e espadelada do linho, das segadas e malhadas do centeio, do trigo e de tudo o que ali se vai semear, naquele dia, na vindima dos cachos de uvas aveludadas, deliciosas, no acarretá-las e pisá-las no lagar, na fabricação depois da aguardente e do azeite, onde cada um comerá muitas “migas” (azeite quente em malgas, ao sair do lagar, com o pão torrado) e, assim, nesse alegre e saltitante lembrar de estações – divertimentos naturais e inocentes – termina essa tribo do bem e do progresso o seu almoço, e todos voltam, satisfeitos, a dar cumprimento à tarefa que lhes foi destinada, deixando a patroa a arrumar tudo na canastra, para depois voltar à sua vida doméstica de dona-de-casa farta, carinhosa e boa, despedindo-se de todos, especialmente do seu Antônio, o chefe querido da tribo, ao qual deseja boas horas de trabalho remunerador, na terra fértil e produtiva.

Na faina alegre, cantarolante, risonha, de cada um dos novos, e no falar e afagar constante do chefe, que, com os bois jungidos e novamente postos ao arado, lá se vai concluir a cobertura do estrume, para, antes da merenda, gradar todo o campo, e logo após semeá-lo de centeio ou de trigo.

No terminar do amanho e da sementeira da terra, ao cair da tarde, ao pôr-do-sol, quando todos se reúnem, novamente, e voltam para casa, onde, depois de darem a ração e a água ao gado, e o recolherem à corte, cumprido o dever daquele dia, tomam assento à mesa, o chefe à cabeceira, a boa esposa ao lado, seguindo-se-lhes os filhos e todos os demais da casa ou de aluguel, mas tudo em perfeita harmonia e respeito, acompanhando as irradiações do esposo, pai e patrão, o qual, na sua simplicidade de lavrador honrado, por todos continua a irradiar pensamentos puros, de bem-querer e amar a toda gente, certo de que, enquanto assim proceder, terá o seu lar em paz, viverão todos em alegria e harmonia, e irão suavizando a luta na Terra.

A Inteligência Universal no outono e no inverno europeus

Agora, leitor amigo, a pena maravilhosa de Luiz de Mattos descreve-nos paisagens e cenas campestres, desconhecidas de todos nós, filhos dos trópicos. Em frígido ambiente de inverno europeu, movimentam-se pessoas e animais, percorrem-se estradas desertas, penetra-se em habitações de lavradores e pastores, “caíadas de branco pela neve”, ao redor de cujas lareiras crepitantes se aquecem e cavaqueiam os seus moradores. É mais uma página de forte poder descritivo de Luiz de Mattos, que nos proporciona tão interessante viagem ao norte de Portugal.

Conduzindo o leitor, novamente, à mesma região lusa, às mesmas montanhas, já anteriormente descritas, nas quais o carvalho e o castanheiro ostentam a sua grande altura, beleza e utilidade, observará ele, por toda parte do fim de setembro em diante, uma atmosfera mais densa, uma luz menos clara e abundante, um sol menos quente, a fugir, a descambar para o sul, de acordo com a rotação da Terra.

Envoltos nessa atmosfera menos límpida e leve, os reinos da natureza dão sinais evidentes de que sofrem os seus efeitos, notando-se, por toda parte, o cair das folhas, o despir das árvores, e assim a tristeza dos alados, do rapazio, enfim, de todos os seres.

Concluída a colheita das frutas, do trigo e das vindimas, lá anda o povo na colheita abundante das batatas, na apanha final das castanhas, mas já sem a mesma alegria, sem os cantares e danças da primavera e verão, por não serem da mesma força os raios solares, nem transmitirem a atmosfera e a luz, a mesma vida e o mesmo calor que animavam todos os seres e coisas.

Agora, anda o rapazio espalhado aos rebuscos das vinhas, para ver se encontra um ou outro cacho perdido, nas figueiras algum figo outonal, já sem graça, sem aroma, frio e triste como a atmosfera que tudo envolve, ou nos soutos de castanheiros, na apanha das poucas castanhas que ficaram aderidas aos ouriços retardados, que a custo se soltam destes, sem o tamanho, a fécula e a doçura das do tempo próprio; os adultos, na faina de acarretar lenha de carvalho, urzes e outra qualquer madeira, que os quinteiros empilham para ser queimada durante todo o inverno, e no roçado, o carretar mato, chamiças, sargaços e outros, para espalhar pelas cortes, pátios e estrebarias, primeiro para camas do gado e, depois de curtido por ele, para adubar as terras, nas épocas próprias.

A tristeza geral que envolve os campos, as árvores e as criaturas, aumenta, à medida que caem as folhas das árvores, que se despem da linda roupagem iniciada com a alegria da primavera e concluída na força do verão, e em breve tudo mergulha na profunda monotonia da natureza desnuda, refletida nas árvores transmudadas em esqueletos.

Com o completo desnudar das árvores e o melancolizar das almas, entra-se no inverno frígido e escuro das alturas, a cuja ação tormentosa nada escapa, os vales, as veigas e as lindas e ubérrimas margens dos rios, colocados a 1.500 metros acima do mar.

Nessa altitude, na estrada real da Serra do Marão, em Portugal, nessa estação tristíssima de inverno, coloque-se o leitor, mentalmente, em montada forte ou carro descoberto, a caminho para o norte, para a fronteira galega, passando por Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Pedras Salgadas, descendo a pitoresca e farta Ribeira Douro, ao Vidago, entrando no belíssimo vale de Chaves, atravessando esta linda vila até Verim, cidade praiana da província da Galiza e povoações intermediárias e marginais da estrada, e nesse caminhar e observar atento, calmo, como quem de fato vê para entender, sentirá a grandeza da Inteligência Universal.

No cair da neve farfalhante como pequenos farrapos de pano branco, ou como minúsculas porções de algodão em rama, atirados do infinito para encobrir a nudez dos montes, das árvores, a negrura dos penedos dos telhados, dos colmados, dos sinais de fumo das cozinhas e toda essa impressionante mudança de estação, que se foi operando desde setembro até janeiro ou fevereiro.

Após esse nevar impressionante, que tudo branqueia, não raro iluminado por um sol pálido, fraco, porém que torna mais bela ainda a manifestação da Força, senti-la-á na brancura dos montes; pedras, árvores e telhados, parecendo uma cúpula de alabastro com franjados de jaspe sobre a natureza inteira, ou um campo belo, onde todas as misérias humanas, todas as almas corrompidas se achassem cobertas pela aura branca em que se envolvem os planetas.

Depois, senti-la-á no interior das habitações, assim brancas como caiadas por completo, no granir dos recos e dos cevados, no zurrar suplicante da jumenta amarrada à manjedoura na estrebaria e que separaram da filha, vendida, na última feira, por três libras; no rinchar do cavalo castanho ou preto, de raça apurada, reclamando a presença dos companheiros, tirados de perto dele para guerrear em longes terras; no balir dos rebanhos de ovelhas e carneiros, saudosos das pastagens do prado, dos restolhos ou das serras; no grasnar dos patos e gansos, no cacarejar das galinhas, no cantar dos galos e no ganir dos cães de caça da lebre, do coelho e da perdiz, reclamando a soltada no campo, nos restolhos e nos vinhedos, para a caça da perdiz e da codorniz, e nos montes, nas tapadas e nas serras, do coelho e da lebre; no quadro doméstico, constituído pela grande cozinha, com a ampla lareira, onde crepita o carvalho, reluzem os torgos das urzes, formando fraca labareda, mas fortíssimos brasedos, a aquecer o ambiente e a ferver os diversos púcaros de barro e potes de ferro, cozinhando castanhas e batatas sem casca, de mistura ao cozido apetitoso de vitela de Barroso, presunto, chouriço e galinha daquelas bandas, e na gramalheira, dependurada ao centro da lareira e por sobre o brasido o caldeirão contendo castanhas descascadas, feijão fradinho, para depois ser tudo distribuído, com farinha fina de milho, pelos cevados, destinados à matança próxima.

Aí, em volta dessa lareira, desse forte lume, a cozinhar os alimentos e a aquecer o ambiente, sentados em bancos de madeira, o chefe da casa entretém-se em franca, mas respeitosa cavaqueira, com a sua mulher, a prole miúda e adulta, cada um falando do que mais lhe agrada e interessa, a fazer tempo para o almoço.

Após o almoço, alegremente regado com vinho maduro ou palhete, para mais quente se sentir o corpo e resistir ao nevado frio, a saída do chefe e dos adultos a apascentar o gado, os cavalos e jumentos nas lameiras das baixadas, das barrocais, junto aos córregos, e as ovelhas, pelas beiradas das estradas dos regados e das quebradas, onde a caída da neve pouco se fez sentir e ainda existem tapetes de relva, que, embora mal dando para enganar o gado, ainda assim o animam, restituindo-lhe alguma alegria.

Nessas horas, abrem-se as portas das casas, porque já o nevar cessou, e os rapazes, como coelhos bravos, soltos, por descuido, da coelheira, pulam, pincham, saltam para a rua, para as estradas novas, macadamizadas, a guerrear na neve, fazendo bolas que atiram uns aos outros, e algumas tão grandes, que lhes dão pelo peito e fazem rolar pela estrada a fora, até aos barrancos mais próximos, para as verem despenhar para os barrocais, onde pastam as ovelhas, que fogem, ao sentir a aproximação dessas grandes e lindas bolas brancas de neve da noite.

Nessa vida interior e exterior, invernososa, no lar e fora dele, no brincar descuidado do forte e valente rapazio, no partir e apascentar, tanto quanto possível, os gados, até então recolhidos, por não poderem sair no romper fraco do sol por entre as nuvens pesadas, negras, por sobre essa natureza branca, de fundo monótono e triste, e por esses pastores, crianças e rebanhos, a aquecer-lhes levemente o corpo e a alegrar-lhes algo mais, as almas, sente-se também nitidamente a Força Inteligente, a sua obra e o seu trabalho para alentar, amparar as suas partículas humanas, as mais evoluídas, e que a evoluir auxiliam os irracionais e o próprio planeta.

Quem nessas vidas outonal e invernososa dos seres humanos e dos chamados irracionais, no correr da lebre e do coelho sobre a neve dos montes para as tocas, entre a penedia das serras e nas encostas, e no cantar triste da perdiz nos barrocais dos vinhedos, ali abrigados do ar e ventos frios, não observar, o que não sentir e a vibração da inteligência Universal, não se pode ter como ser normal e racional.

A Inteligência Universal na primavera, no verão e nas colheitas

Atravessamos, leitor amigo, outra vez o Atlântico.

Tudo, agora, é harmonia e luz, cores e perfumes. Foi-se o inverno, e a sensibilidade de Luiz de Mattos se extasia ante os quadros que os dias primaveris apresentam: o colorido da vegetação, o ar leve das manhãs portuguesas, o perfume das flores e frutos e o cantarolar da passarada, são motivos de encantamento para seus sentidos.

E parece que o escritor abandona a pena e empunha o pincel, tal o colorido das imagens e riqueza de vocabulário com que nos descreve a natureza em festa, em mais esta página de forte poder evocativo.

Para que mais facilmente compreenda e sinta a manifestação da Inteligência Universal na primavera, no verão e nas colheitas, vamos fazer sair o leitor, mentalmente, dos trópicos, deste Brasil imponente e querido, onde a primavera é constante, e transportá-lo além-Atlântico, deixá-lo na cabeça da Península Ibérica, e assim da Europa, nessa pátria lusa, muito amada de todos os seres que têm a ventura de a conhecer, e que da liberdade, igualdade e fraternidade, da justiça e do dever, possuem a noção nítida; e aí, na parte montanhosa, na província de Trás-os-Montes, por exemplo, que um dos seus reis denominava a Suíça Portuguesa, a mil quatrocentos e sessenta metros, mais ou menos, acima do mar, debaixo de uma abóbada quase anilada, como a de cá, é envolta numa atmosfera luminosa, leve tonalizada pelos ainda brandos, mas já animadores raios do sol primaveril, e ondulada pelo sopro de suave e acariciadora brisa, observará, numa dessas lindas manhãs de primavera:

Os dourados cabeços das serras, cobertas de castanheiros bravos e carvalhos de extraordinária altura, de carvalheiras, de urzes, giestas, sargaços, chamiças, a forte carqueja para o lume e para o adubo das terras, depois de curtida, e, por entre o musgo, os saborosos “niscaros” – denominação provinciana dada aos tortulhos, também chamados cogumelos, de tronco grosso, carnudos e cabeça pequena, que naquelas fartas bandas existem, em abundância, e que, guisados junto a nacos de presunto, ou com rodela de salpicão, cebola e demais temperos, ou mesmo rodela de pão de trigo, constituem um prato saborosíssimo daquelas gentes serranas.

Observará, ainda, nas encostas dessas serras, nos seus contrafortes, até à sua base, pitorescas povoações com magníficos solares antigos e confortáveis casas de lavoura, situados em meio de pomares soberbos, de olivais e de castanheiros seculares, cujos saborosos frutos não têm rival no mundo.

Na mesma altitude e situação, percorrerá terras lavradas, onde já se mostra, bem claramente, o verde amarelado e espigado do centeio, do trigo, da cevada, e as primeiras folhas de batatas, especialidade daquela região serrana.

Descerá depois à planície, ao vale, às veigas, às ribeiras situadas nas margens do Tua, do Corgo, do Avelames, do Tâmega, e aí, já mais quente, mais ameno, menos agreste o clima, se ostentam lindos olivais, soberbos sotos de castanheiros, pomares magníficos, ridentes, prometedoras searas, e em colinas próximas, banhadas, por todos os lados, pelos raios benéficos do sol criador, visitará numerosos vinhedos, todos já rebentados em desenvolvimento, e florindo.

Depois de bem calma e racionalmente observar essa bela topografia, as lindíssimas searas e vinhedos, e de verificar nos bosques o florir das giestas, amarelo cor de ouro, das urzes e o das chamiças, vermelho-rubro, do sargaço e da carqueja,

amarelo-claro dos castanheiros bravos e mansos, para a formação do ouriço, dentro do qual se organiza a castanha, e nos pomares, o florir abundante do pessegueiro, da macieira, da pereira, da cerdeira, da ameixeira branca e preta, do damasqueiro e da amendoeira, espalhando pela atmosfera leve, de tonalidades douradas, aromas finíssimos, apreciará ainda nessas lindas serras e pomares, todos floridos, as diversas espécies de alados, desde o melro, negro, bico amarelo, porte altivo e indagador, ao tordo, ao cuco, à bondela, à perdiz, à codorniz, à cotovia, ao pintassilgo, à milheira, ao tintalhão, ao talhão, à culecra, até ao incomparável cantor mundial, o rouxinol, nos salgueiros, todos em bandos, a saltitar, a espanejar-se, cada um gorjeando a sua canção, na sua toada, no seu tom alegre, sobressaindo-se a do melro, durante o dia, e sobretudo todas as do rouxinol, ao pôr-do-sol, e à boca da noite, se clara, se luarenta.

Tudo brota e floresce, tudo ri e canta, nessa estação querida, alegre e feliz da vida dos seres que compõem os reinos da natureza, naquele belo jardim da Europa à beira-mar plantado.

Esse brotar e florescer, esse espargir de aromas, esse cantar feliz da passarada, em bandos pelas serras e vales é a manifestação da Inteligência Universal, toda vida, luz e amor, fonte de todo bem, e que se mostra em sua plenitude.

Aí, nessas paragens, em plena primavera, sente-se-a nos montes, vales, veigas, prados, regatos, nas flores, nos pássaros, como acaba de observar o leitor, mas não menos é ela sentida, depois, no verão.

Nos pomares, agora repletos de frutos variados, nas pereiras, de frutos de diversas qualidades, cores, aromas e tamanhos, desde as peras denominadas de Cristo, de baguim, espigaças, sumarentas, às chamadas marmelas, aromáticas, grandes e belas, às de Sete Cotovelos, até às do inverno e outras; nas cerdeiras, cujas cerejas pretas, bicais, vermelhas, brancas e amarelas, grandes, saborosíssimas, fazem a delícia daquela gente, desde maio até junho; no damasco, aveludado, cor de ouro, soberbo; nas pávias, grandes pêssegos sumarentos, vermelhos de uma face e brancos da outra, o maior e melhor de todos os pêssegos; nos saborosos figos, ameixas e maçãs de várias cores, tamanhos, gostos e aromas, cada qual mais deliciosa.

Entre essa fartura imensa dos melhores e mais saborosos frutos do mundo, produtos que só podem ser, e de fato são, de uma Força Inteligente, o esvoaçar e o cantar ainda da passarada glutona, lambareira, do rapazio pulador de portelos, subidor de árvores frutíferas, das travessas raparigas, de abada feita, colhendo frutos a cantar cantigas próprias da sua idade, da época de fartura e daqueles sítios.

Sente-se-a também nos muitos tratos de terra, repletos de trigo, de centeio e de linho, dourados, amadurecidos todos já pelo Sol criador, que bem fez crescer e granar uns e outros, e depois nos ranchos, nas turmas ou bandos de rapazes e raparigas que, desde o romper da aurora, tocando pandeiros e pandeiretas, partem para o campo, para as searas, a segar, a ceifar, a cortar o trigo e centeio e a arrancar o linho, a cuja faina se entregam durante os meses de julho e agosto, alegremente, cantando e dançando sempre, quer na partida para o trabalho, quer na volta para as suas casas.

Sente-se-a, depois, ainda quando, após as segadas dos louros trigais e do centeio, arrancadas do linho, na condução do trigo e centeio para as eiras, e que em volta destas se o ameda, conforme os donos e a sua quantidade e qualidade, e depois no estendê-los em camadas, nas eiras, no malhar forte e valentemente com os malhos, instrumentos apropriados, embora antigos, empunhados por valentes, por pulsos de uma cana só,

como lá dizem, punhos de lusos seres, de aspecto rude, mas de almas simples, meigas e boas.

Sente-se-a, bem nitidamente, nesse sol de luz primaveril, nesse aroma incomparável, no florir e produzir das árvores e, depois, nas fartas colheitas, na bela época denominada das segadas e das malhadas, nessa fartura imensa, no rir, dançar em bandos das raparigas, rapazes e crianças, de mistura com o gorjear da passarada, e, sobretudo, no melodiar do rouxinol no salgueiral, ou por entre as silvas e as heras do portal em ruínas, do velho solar dos fidalgos velhos, ao pôr-do-sol e em noites de luar, nessa alegria sã e grandeza d'alma de tal povo, humilde e heróico ao mesmo tempo, desprendido e grande em todos os seus atos e vôos, em todos os tempos por sobre a terra e por sobre o mar, em lutas constantes pela Pátria e a liberdade dos povos.

A Inteligência Universal nos palácios e nas choupanas

Almejando sempre a confraternização entre as criaturas na Terra, Luiz de Mattos deixou, em quase tudo que escreveu, bem marcado o alto grau de sua espiritualidade. E não traçava uma página sobre as riquezas e o poderio terrenos, que logo não ressaltasse a vida de dificuldades e lutas do trabalhador pobre e honrado. Era como se procurasse corrigir as desigualdades sociais, exaltando as alegrias ingênuas dos simples, ao lado das grandezas dos poderosos. Uma prova disso, é a página que vamos ler agora.

Nada, absolutamente, escapa à influência da Inteligência Universal, e por isso a sentem o rei, o fidalgo ou o argentário, nos seus palácios, nos seus solares grandes, medievais, estilo gótico, bizantino ou manuelino, repletos de rendilhados vários e ornamentados de figuras de heróis, nas suas belas frontarias, nas altas portadas de mármore ou de granito, e nos seus átrios imponentes.

Aí, nesses mundos de belezas arquitetônicas, delineadas e cinzeladas por mãos de artistas de raça, de nomeada mundial, com seus salões repletos de arte, desde os tetos, às portadas, ao soalho, onde as belezas dos quadros de pintores célebres correm parselhas com as da obra de talha dos móveis e do teto, com as tapeçarias do Oriente e das Astúrias, com os panos de Arras, com as estatuetas de Barbedienne e outros, com as jarras da Índia, do Japão, da China, e de Sèvres, com as lindas peças da cinzelaria Portuense, que foi sempre a primeira entre as primeiras; nas rendas de Alanson, nas belíssimas iluminuras dos livros célebres de escritores de nomeada, nas pinturas ou bordados finíssimos, a primor, das grandes almofadas espalhadas pelo soalho custosamente atapetado; no meio dessa grandeza, dessa riqueza e abundância de arte, envolta em aromas finíssimos e vários de flores naturais, de variegadas cores, rodeado pelos seus mais queridos e, em dias de festa, pelos seus parentes e amigos, que são aos milhares, enquanto a fortuna dura, vivem o rei, o fidalgo ou o argentário, como que se do mundo dos seres e de todas as coisas fossem os senhores absolutos.

Mas quando, no gabinete de trabalho, no recolhimento da biblioteca ou no seu quarto de dormir, já deitado entre lençóis de fina cambraia, bordados a branco por finas mãos aristocráticas, por entes queridos seus, ele, rei, fidalgo ou argentário, revê, em concentração, a sua vida, o passado e o presente das pessoas que estima e o rodeiam ou que junto a si já estiveram, cresceram e foram educadas, e, demorando-se na sua genealogia, vai ele, de geração em geração, de investigação em investigação, chegar à conclusão de que descende de salteadores, piratas ou de bandidos, que se destacaram pela ferocidade em ataques à propriedade alheia, aos lares, às vidas dos seres, aos

cofres, às caravelas, que voltavam da Índia abarrotadas de especiarias, de preciosidades; então, nesse estado de perfeita consciência do que ele é e de como miseravelmente viveram parte dos seus maiores e vivem alguns dos seus mais queridos entes de hoje, sente-se o grande senhor pequenino, humilhado, como que perseguido pelas vítimas dos seus antepassados e suas próprias, e não vendo remédio para esses males e torpezas, para tais crimes e para a sua miséria moral do presente, chora de pesar profundo, ao sentir-se tão inferior, tão infeliz e desgraçado, rodeado de parentes e de amigos só do seu dinheiro, do seu fausto, dos seus palácios e festas.

Nesse estado de completa consciência, de bom raciocínio, de razão esclarecida, a Inteligência, a alma desse ser, desse homem – idêntico, no fundo, a todos os outros homens, por conter em si a mesma Força e a mesma matéria de que se compõe o Universo – domina a matéria, os instintos, os maus hábitos, pode bem avaliar a sua origem real, as misérias deste mundo e as de todos os que o rodeiam, e sentir a nostalgia da: sua morada, do mundo que lhe é próprio, no qual reside a sua verdadeira família, que é a espiritual e não a terrena.

Assim, ligado, mentalmente, às Forças Superiores, idênticas à sua quando fora da matéria, sente e, como que vê, bem claramente, toda a hediondez dos seus crimes e os dos seus antepassados, toda a pequenez da sua efêmera grandeza terrena, argamassada com sangue e lágrimas das suas vítimas, que são todos os pobres, todos os humildes, bem como outros seres também desprendidos e de honradez comprovada, com lamentos e dores da orfandade e a ruína, a miséria, a escravidão, e até a venda de interesses da Pátria aos seus inimigos.

Colocado a um canto o homem físico, e sobressaindo, em pleno domínio, o homem psíquico, o homem moral, a Força, a partícula da Inteligência, reconhece o ser humano, chorando lágrimas sentidas, de sincero arrependimento, pelos tristes e até horríveis papéis que tem ele e todos os da sua raça ou genealogia representado neste mundo de comédias e de comediantes de toda a casta, de torpezas, crimes, venalidades e prostituições de corpos e de almas, e reconhece também o quanto é nobre e feliz a vida do homem do campo, do operário, do trabalhador honrado, que não se lembra de haver possuído braços de armas, coroas, palácios artisticamente preparados, arcas de ouro e faustoso viver, tudo salpicado de sangue e umedecido de lágrimas choradas por viúvas, donzelas e crianças, a quem roubaram a vida, a liberdade ou os haveres do chefe.

Sentindo tudo isso, o rei, fidalga ou argentário levanta-se, no dia seguinte, cabeça baixa, rosto triste, sinais certos da consciência nítida da sua inferioridade moral perante todas as classes que ele reputava inferiores, e lá se vai para a faina diária de dar ordens para que a miséria, que ele observou em todo o seu investigar da noite, se não torne já uma realidade completa para ele e para os seus, para que à sua tremenda, à sua torturante desgraça moral, por ele vista e bem sentida nessa noite terrível de verdade, e na sua árvore genealógica, não venha juntar-se a pobreza, a desgraça material, à qual não poderia resistir e teria de sucumbir, covardemente, como ignorante que é da vida real.

* * *

Nos domínios, e, não raro, bem próximo ao palácio real ou do argentário, desse personagem cujo tronco genealógico se acha, por vezes, nas cavernas dos bandidos de estrada, salteadores de viandantes honrados, ou nas cidades marítimas, entre os piratas do Mediterrâneo, do Atlântico ou dos mares da Índia, se encontra o humilde campônio, modesto rendeiro, trabalhador ou operário, na sua casinha pobre, quando não simples

cabana coberta de colmo, rodeado da sua prole, fisionomia meiga, maneiras respeitadoras, sem idéias de grandezas efêmeras, de riquezas mal obtidas, contentes todos e ocupados na sua faina diária, da qual tiram o pão de cada dia, a cantar, descuidados, as suas canções prediletas, ou a ralar, paternalmente, com as crianças traquinas, ou ainda projetando um passeio ao campo, ao prado, onde se deleitarão com o repasto modesto, conduzido no saco, para depois voltarem à casinha ou à choupana, sentindo mais bem-estar no corpo e mais alegria na alma boa, cuja ambição não vai além de uma vida modesta e cristãmente vivida com o trabalho que produz “o pão de cada dia” e nobilita os seres, deixando-lhes também umas sobrinhas para fatos domingueiros, e garantindo-lhes a paz no lar, na família e na consciência, pois nada devendo, por nunca haverem feito real a ser algum, nada temem, a não ser a prepotência dos reis, dos fidalgos e dos argentários, que nada respeitam e tudo exploram, tudo atrofiam para as suas orgias, para as suas devassidões.

Nesses dois quadros da vida dos seres neste mundo, sente-se bem a existência da Inteligência Universal, querendo regenerar uns e amparar outros, dando paz, sossego e vida cristã aos bons, aos humildes, pobres na Terra, mas grandes, ricos e elevados fora dela, nesse além, nesse infinito grandioso e belo, no qual não há o dinheiro para corromper consciências, corpos e almas, nem existem a inveja, o orgulho, a prepotência, o imperialismo, a mentira, porque ali não imperam a matéria grosseira, o instinto e o hábito animalizados e sim, e somente, a Luz, que é Força, e com ela o amor e a fraternidade entre todos.

O medo guarda a vinha...

Há um velho ditado nos países vinhateiros, que afirma ser o medo que guarda a vinha.

Vinha, quer dizer: uma porção, grande ou pequena, de terra, plantada de cepas, de videiras, de diversas qualidades.

Em Portugal, nas províncias do Douro, Trás-os-Montes, e parte da Beira-Alta, onde existem, em abundância, essas plantações, poucas são muradas ou resguardadas dos olhares e cobiça do rapazio ou dos transeuntes adultos.

Esses vinhedos são, em grande parte, cortados por belas estradas macadamizadas e bem conservadas, constituindo o castigo e tormento dos apetites de todos os que por elas transitam.

Entretanto, todos vêem os belos cachos de uva moscatel, branca e vermelha, bastarda, boal, malvasia, alvarelhão, dedo de dama e outros, coloridos, aromáticos, lindos, tentadores. Mas ninguém lhes toca, não pela honestidade consciente da pessoa ou pessoas e, assim, da gula, porque tal virtude, que é material, não existe, já que a matéria não tem virtude; mas pelo fato de cada transeunte, cada viandante, ter medo de ficar sem pernas, sem braços e até sem a vida, pois cada um não ignora que esses vinhedos são guardados por homens cumpridores dos seus deveres, que sabem ser o primeiro desses deveres, guardar e defender a sua propriedade – direito que lhes assiste e do qual não abdicam.

Esses homens-vigias, guardadores de vinhas, têm sempre à mão, para o que der e vier, uma espingarda, um varapau, um estadulho ou fueiro, para dar ao assaltante dos

vinhedos aquilo que merece quem penetra para colher o alheio, sem consentimento do dono.

Se os assaltantes são mais de um, lá vai tiro de chumbo sobre eles, acerte onde acertar; se é somente um, e o vigia está com preguiça de se ir até ele, de figura, também lhe manda um tiraço às pernas, que bem conviria a fugir o assaltante; mas, se não tem preguiça, lá se vai o vigia, pessoalmente, de fueiro em punho, a dar uma desanca no atrevido, que não soube respeitar a propriedade dos outros.

É esta uma velha usança de que tem conhecimento toda gente daquelas províncias vinhateiras, e é por isso que belíssimos e aromáticos cachos de uvas finíssimas e saborosíssimas, como há poucas como elas em nosso planeta, crescem, desenvolvem-se, amadurecem e são colhidas pelos seus donos, sem lhes faltar um bago, porque o medo do tiro ou da desanca, impede que os viandantes assaltem os vinhedos; é por isso que por lá se afirma que o medo guarda a vinha.

Todavia, o medo não guarda somente a vinha.

É historicamente sabido que foi o medo que obrigou D. João VI a partir para Portugal, deixando saudoso o seu querido Brasil, já independente de fato, embora não o estivesse, ainda, de direito, naquela ocasião; foi o medo também que obrigou D. Pedro I a declarar o “Fico”, para bem de todos, a gritar Independência ou Morte, nas margens do Ipiranga, no dia 7 de setembro, e a proclamar a real independência do Brasil, em 12 de outubro de 1822.

Foi ainda o medo que obrigou D. Pedro I a dissolver a Constituinte, (por lho haver imposto a tropa), assim como também foi o medo que o forçou a abdicar na pessoa de seu filho, o saudoso D. Pedro II, em 7 de abril de 1831.

Como bem diz Agenor de Roure, no seu paciente e magnífico trabalho, de 309 páginas, denominado *Formação Constitucional do Brasil*, a folhas 221:

“O medo governa o mundo, para o bem ou para o mal”;

“O medo criou os deuses e escravizou os homens. O medo da morte, o medo do sofrimento, o medo da pobreza e o medo da miséria, dirigem todos os homens. O medo de perder o emprego, o medo de desagradar aos leitores, o medo de ficar sem as boas graças do governo e o medo de descer das posições, agitam os homens públicos. O medo gera os atos violentos dos Governos”.

E a prova de que o medo oficial concorre sempre para a vitória da verdade, quer em política, quer em ciência, a tem o leitor amigo, além do que deixamos narrado, nas revoluções tramadas em 1832, chefiadas pelo alto oficialismo, tendo por quartel a Quinta da Boa Vista, e por chefe José Bonifácio de Andrada e Silva, até então tutor do Imperador Pedro II, e chefe, por sua vez, do Partido Restaurador de D. Pedro I, também conhecido por Partido Caramuru, por assim o denominar o seu órgão principal da imprensa de então.

No dia 17 de abril de 1832, partiam da Quinta da Boa Vista, residência do imperador, do seu tutor José Bonifácio e de toda a corte e alto oficialismo, as forças desse oficialismo, para depor o governo do país, composto de Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho, João Bráulio Muniz e Diogo Antônio Feijó, este como Ministro da Justiça.

Essas forças de cavalaria, infantaria e artilharia, eram comandadas pelo súdito alemão Henrique von Bulow, que, como general, partiu com a sua tropa em direção à cidade, com o fim de derrubar a Regência, mudar o ministério e proclamar Regente do Imperador D. Pedro II, o Duque de Bragança, que era o mesmo D. Pedro I do Brasil, e IV de Portugal.

As forças rebeldes, integradas por numerosos funcionários, vinham pelo aterro, com quatro peças de artilharia, que estavam na Quinta da Boa Vista, como quem caminhava para terreno já de antemão conquistado.

Mas o grande e épico Feijó, o maior dos brasileiros daquela época, como Ministro da Justiça e *alma mater* do Governo e do povo do Brasil, chamou o então Major Luís Alves de Lima e Silva, e lhe disse:

– Sr. major, vá dar combate aos rebeldes, e leve tudo a ferro e fogo - o que este fez, imediatamente, cercando os rebeldes no aterro, os quais, cheios de pânico, não sabiam para onde fugir, por estarem cercados pelos lados por banhados e murrarias, e pela frente e retaguarda, pelas tropas brasileiras.

Vencido o oficialismo, mandou o valente Feijó varejar e limpar a Quinta da Boa Vista, foco de todas as conspirações oficiais, fez recolher aos paços da cidade a família imperial, prendeu José Bonifácio, tutor do Imperador Pedro II, deu busca rigorosa no interior, onde foram apreendidas armas e munições, e encheu as prisões com todos quantos encontrou na Quinta e suas imediações, sem se importar com a sua condição ou posição social.

Era o Brasil povo, o Brasil democrata, honrado e bom, altivo como nenhum outro representado pelo incomparável padre Antônio Feijó, sem genealogia, sem pergaminhos de saber cru de nobreza, pois nada mais possuía do que seu título de padre; era esse povo e essa grande alma desse grande povo, que enfrentava e vencida a poderosa aristocracia oficial, que queria implantar um governo contrário a tudo quanto havia sonhado o povo do Brasil.

Quer isto dizer que por mais altamente colocada que esteja a mentira, ela não pode vencer, porque a verdade, que é luz, mesmo sem pergaminhos, sem grandes genealogias, sem títulos de fidalguia, vence sempre, por ter a auxiliá-la, como no caso presente, o medo oficial, que mais dia menos dia, se deixa vencer pelos princípios que têm por base a verdade e, por fim, o bem do povo, da Pátria e o da humanidade.

Como macaco em loja de louças...

Agora, Luiz de Mattos vai deleitar-nos com um trecho de sadio bom-humor, no qual revive o Rio antigo, de ruas tortuosas, iluminadas a lampiões a gás, e com seu velho mercado, há muito desaparecido. Mostra-nos ele, assim, que o humorismo não é infenso mesmo aos que tomam o encargo da explanação duma Doutrina como o Racionalismo Cristão, que, aliás recomenda o otimismo como condição precípua de sua disciplina. E, em todo o entrecho da alegre estória, vislumbra-se sua moralidade, que aparece, no final, como nas fábulas do velho Esopo.

Afirma-se, como verdade, que um louceiro, do mercado antigo, tinha à sua ilharga um vizinho negociante de aves e bichos vários, entre os quais se salientavam macacos, de diversas raças e tamanhos, desde o australiano cinzento, de olhos

vermelhos e rabo curto, o africano, quase branco, mas esguio, de rabo comprido, ao nosso mico, ao nosso mono, que, com palmito, depois de bem moqueado, faz as delícias dos caçadores e das quituteiras do litoral, dentre as quais se destacam as amáveis baianas, de justificada fama na arte culinária.

Um belo dia, o vizinho, dono da bicharada descuidou-se de bem fechar uma das gaiolas dos monos, e um deles, esgueirando-se, fugiu do seu cativeiro, e entrou na loja de louças, escondendo-se num canto, por trás de uma prateleira, onde se quedou, sem que ninguém suspeitasse de sua permanência ali.

À noite, fechada a porta da loja, à hora marcada pelo sino da Candelária, saiu o macaco do seu esconderijo, e pôs-se a passear por todo o salão, a admirar a beleza das pinturas com que a indústria enfeitou as malgas, os covilhetes, as bacias de rosto, os pratos, xícaras, pires e demais objetos pertencentes a essa indústria e ramo de negócio.

Tudo pôde ele examinar com o auxílio da luz dos lampiões de gás do Mercado, coada pelas bandeiras gradeadas das portas do estabelecimento.

Dentre os objetos ali expostos, pegou um vaso de criança, que achou bonitinho, e o enfiou na cabeça, por lhe parecer servir de boné, do qual tinha saudades, desde quando o usara no tempo em que pertenceu ao homem do realejo, que o obrigava a fazer habilidades e a receber, depois, a espórtula do respeitável público, em cujo serviço o dono o chamava de Gregório.

Quando quis tirar o vaso-boné da cabeça, não lhe foi fácil e, por isso, mal se viu livre de tais apuros, atirou para longe o tal boné, que ficou reduzido a cacos, e em cacos se fizeram também umas pilhas de pratos em que bateu . . .

Livre daquela dificuldade, engendrou outra habilidade maior, que foi a de meter a mão direita num bule, dos de café, de boca estreita e fundo largo, pensando que lá dentro tivesse algo que lhe servisse para comer, porque já estava com fome.

Quando verificou que o bule nada continha, tratou de retirar a mão, mas não lhe foi possível, porque sendo a boca do bule de menor diâmetro do que a sua mão aberta, fazia o papel de uma cumbuca, e quanto mais o macaco se esforçava para livrar-se do bule, mais preso ficava e mais aumentava a sua aflição.

Assim, nesse estado de desesperadora arrelia, principiou a pular, a guinchar por toda a loja, e foi reduzindo a cacos tudo em que pisava e pegava, até que conseguiu dar com o bule de encontro a uma prateleira, fazendo-o em estilhaços, e libertando-se de tão incômoda situação.

Desconfiado de tudo e de todos os utensílios, depois de tais experiências feitas, não mais pegou em coisa alguma, passando a admirar as figuras, ramos e flores, até que decidiu dar com os objetos uns nos outros, o mais fortemente possível, para melhor poder destaca as pinturas que mais lhe agradavam, sem ter de passar por novos apuros infligidos por bonés e cumbucas “bulizadas”.

E neste examinar de coisas, foi quebrando a maior parte das louças que estavam no estabelecimento comercial, de maneira que, de manhã, quando o dono da loja a abriu, deparou com aqueles destroços, e já pensava ter sido vítima de gatunos, de malfeitores humanos, quando, de repente, se lhe esgueira, por entre as pernas, o célebre macaco Gregório, que, ciente do mal que havia feito, não esperou pelo troco, já dele

muito conhecido, sempre que desempenhava mal as suas habilidades, ao toque do realejo.

É claro que a novidade correu por todo o antigo Mercado e, dentro em pouco, toda a cidade ficou sabendo o que era capaz de fazer um macaco em loja de louças, e assim se ficou aplicando o dito a qualquer criatura que só faz tolices, que só pratica desatinos, de quem logo se diz: *é mesmo um macaco em loja de louças*.

A Inteligência Universal na catequese dos silvícolas

Depois de sentir-se, ainda que mui palidamente, essa força única, essa inteligência Universal, por toda parte, em todas as estações do ano, em todos os reinos da natureza, como o leitor observou nas lições anteriores, sente-se-a também na catequese dos selvagens da Ásia, da África, da Oceania e das Américas, especialmente entre os do Brasil, mesmo envolta na roupeta de um membro da Companhia de Jesus, quando um Nóbrega, um José de Anchieta, desde Iguape a Peruíbe, a Conceição de Itanhaém, a São Vicente, a Bertioga, a Enseada Grande, a São Sebastião, a Vila Bela, Ubatuba, Caraguatatuba, Parati, até Angra dos Reis, a parte mais bela, mais imponente de todo o grande e belo litoral deste Brasil querido, entre os selvagens dóceis, como os da tribo dos Itanhaéns, as de Caubi, desde a embocadura do rio Bertioga, até São Sebastião, depois entre os Tamoios, que ocupavam toda a costa, desde Ubatuba, até Angra dos Reis, raça valente e sempre pronta a bater-se contra os opressores, fossem eles índios ou portugueses,

Nas obras para catequese e libertação dos selvagens das garras dos paulistas, nos colégios fundados em São José de Peruíbe, na Conceição de Itanhaém, São Vicente, São Sebastião, nos campos de Piratininga, hoje São Paulo, nesse belo litoral e planalto, agora paulista e fluminense, na parte norte, e junto a esses colégios, para instrução dessas tribos, as igrejas, onde a palavra de tão brancas e lindas almas, embora enroupadas em vestes negras jesuíticas, como as de Nóbrega e Anchieta, calava, por forte, por sonora, por sincera, honrada, nas almas brutinhas dos ouvintes, na luta, nos sacrifícios tremendos, feitos por esses dois chefes da Companhia de Jesus, para bem exclusivo dessas tribos, se observa, bem claramente, a forte vontade das partículas da Inteligência Universal, atuando e intuindo nos dois belos instrumentos de Jesus e seus, para a prática exclusiva do bem, para a civilização e liberdade de suas partículas, escravizadas nas selvas e fora delas pela ignorância crassa que as dominava e pela prepotência, pelo egoísmo do homem dito civilizado paulista, o maior, o mais feroz perseguidor das tribos indígenas dóceis, do litoral e do planalto.

Na coragem, na abnegação, no estoicismo, na confiança desses dois belos exemplares praticantes do verdadeiro Cristianismo, pelo qual demonstravam sempre valor e heroísmo, e especialmente quando, em 1556, tiveram de impedir as investidas dos Tamoios contra as povoações de São Vicente, provocadas pela ambição da raça branca e pela escravização a que submetia os índios.

Para tal fim, esses dois grandes civilizadores saíram de São Vicente, em canoa, até Ubatuba e Angra dos Reis (onde se achava a tribo valente e feroz dos Tamoios), sofrendo horrores e correndo todos os grandes riscos do mar e da ferocidade da tribo, inclusive o de serem sacrificados aos dentes e gula dos bárbaros, vendo, por vezes, e não poucas, pairar a morte sobre as suas cabeças.

Correndo todos os riscos, chegaram ao ponto do litoral habitado pela tribo e, ao fim de algum tempo mais, ao local exato onde se encontravam essas hordas belicosas, conseguindo os dois grandes chefes jesuítas, autênticos pais espirituais dos selvagens, depois de sofrerem toda sorte de flagícios, ser levados à presença do chefe indígena, e só com muito custo com ele chegar a um acordo, debaixo, porém, das seguintes condições:

Enquanto Nóbrega voltava a São Vicente, a fim de obter dos portugueses a aprovação da base do tratado, deveria ficar, como refém, José de Anchieta, o que de fato aconteceu, permanecendo este ali prisioneiro por muito tempo ainda.

Sente-se a Inteligência Universal também nessa heroicidade de Anchieta, na sua prisão entre os Tamoios, nas torturas físicas e morais por que passou, e mais ainda é ela sentida quando esse herói, bem rapaz ainda, mas já velho no sentir e no agir, nesse estado de prisioneiro dos selvagens, encetou o seu imortal poema latino, e não tendo papel, nem penas e nem tinta para escrever, passeava pelas brancas e belíssimas praias, que se estendem a perder de vista, em cujas areias escrevia os versos, para, depois, os decorar.

Nesse sofrer, nessa abnegação, nesse estoicismo, nesse cativo e na calma com que tudo suportava e até ideava, gravando primeiro na areia e depois na mente, o seu belo poema, sente-se bem nitidamente a inteligência Universal, nessa magnífica partícula sua, já evoluída e em plena consciência do seu dever de pai espiritual de todos os ignorantes.

Sente-se-a, ainda, em o grande padre Antônio Vieira, na continuação da obra de Nóbrega e Anchieta, fundando colégios na Bahia, no Maranhão e por todo o Norte, e neles ensinando não só a sua bela língua, que primorosamente escrevia e falava, como, sobretudo, a amarem-se uns aos outros.

Nesse lutar constante em bem dos silvícolas, desde a Bahia, até ao Pará, não poupou o padre Antônio Vieira sacrifícios, trabalhos e desgostos profundos produzidos pelos escravizadores dos gentios, para cuja completa liberdade ele conseguira um decreto do seu rei.

Nesse, civilizar de tribos, de povos, nesse organizar de bases para a completa civilização e independência dos povos inteiramente ignorantes dos seus direitos e dos seus deveres, nesse majestoso pregar em nome de Jesus, em bem da humanidade, nessa heroicidade de Vieira, como de Nóbrega, Anchieta e outros, demonstrada na catequese de seres humanos, sem luz, escravizados pela ignorância e dela libertados por esse grande dos grandes, o maior pregador até hoje conhecido, não está bem claramente demonstrada a existência da Inteligência Universal e como ela é sentida, ainda, entre os selvagens, nessa missão sublime de converter seres?

Poderia a matéria ter essas idéias e engendrar e suportar esses trabalhos, passar por essas torturas de alma e de corpo, e sentir, tão nobre e elevadamente, ela, a matéria, ela que se transforma em lama, em pus?

Não era, não é, e jamais será possível! Só uma Força inteligente, esclarecida, criadora e incitadora de tudo e de todos, é que poderia incitar e movimentar esses homens, torná-los heróis, mesmo envoltos na sotaina de jesuíta, mas que só abnegados, leais, humanos e cristãos foram em todos os atos de suas vidas.

A Inteligência Universal na tribuna e nas catedrais

A Inteligência Universal – eloquência máxima, máximo amor e supremo bem – é sentida, remontando ao passado, na tribuna ocupada na Grécia e em Roma pelos grandes eruditos e notáveis oradores de épocas passadas, cujo saber e cuja fama oratória chegaram até nós, através das páginas da história.

Sente-se-a, depois, já na nossa época:

- 1) Em França, pela voz mais eloqüente de Gambetta, mui especialmente no Parlamento, quando este, após a guerra de 70, fazia a mais grata, a mais sincera das manifestações que jamais se viram, a Thiers, chamando-o salvador, então, dessa França heróica e bela;
- 2) Em Espanha, no Parlamento e nos comícios, pela erudição e pelos rendilhados eloqüentíssimos da voz do grande Emílio Castellar, o querido e adorado D. Emílio, dos espanhóis;
- 3) Em Espanha, ainda, espalhando uma erudição nada inferior à de Castellar, na voz maravilhosa do grande, do incomparável Mela, filho dessa Galiza rica e honrada, a pérola espanhola;
- 4) Em Portugal, no Parlamento e fora dele, na voz e na eloqüência de Pinheiro Chagas, em diversas línguas; José Estevam, Antônio Cândido, Antonio José de Almeida e muitos outros;
- 5) No Brasil, nos seus notáveis oradores, desde Antônio Carlos, Evaristo da Veiga, do Primeiro Império, até Silveira Martins, o soberbo tribuno rio-grandense; Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e muitos outros, do Segundo Império, inclusive o grande, o sublime orador sacro, Frei Francisco de Mont'Alverne;
- 6) Ainda no Brasil, no Senado e fora dele, especialmente na reunião mundial dos mais notáveis homens daquela época, havia em Haia, pela voz e a vastíssima erudição de Rui Barbosa – a maior mentalidade das Américas – que assombrou todos os sábios do mundo, nessa grande assembléia de notáveis de Haia, onde as verdades do Brasil, ditas pelo seu primeiro grande filho, calaram fundo no ânimo dos orgulhosos europeus; que ignoravam que no Brasil mais se soubesse e melhor e mais claramente se falasse, do que entre eles.

Mas, onde a Inteligência Universal nitidamente se sente, até quase se chega a ver, é na tribuna ocupada na Bahia, no Maranhão, em todo o norte do Brasil, em Portugal e, sobretudo, na Itália, dentro e fora do Vaticano, pelo incomparável orador padre Antonio Vieira, cujo verbo luminoso, candente e puro se fez ouvir, pela primeira vez, em 1 de janeiro de 1642, em Lisboa, na Tribuna da Capela Real.

Depois, em Roma, em 1670, 72 e 73, nas tribunas do Vaticano, perante o Papa e toda a sua aristocrática corte, e perante Cristina, a erudita e notável rainha da Suécia, filha de Gustavo Adolfo, surpreendendo com a sua palavra, com a sua erudição, com a sua incomparável eloqüência, todos os notáveis ouvintes, e, por último, ser consagrado por toda a Itália e Europa como o primeiro orador da época, e que, até hoje, continua a ter o seu famoso renome de pregador e de clássico, o maior entre os maiores.

Este grande orador e mestre da língua portuguesa, discursava em italiano, como o fazia em português e se orando em italiano, na Itália, ele chegou a ser considerado, lá, o primeiro grande orador, imagine-se se o tivesse feito na sua própria língua, à qual tributou sempre amor e carinho especiais!

Foi ele, esse grande dos grandes oradores, que em 1640, na sua querida Bahia, no sermão de Nossa Senhora do Ó, tratando da Inteligência Universal, (Deus), disse:

“Comparai-me o mar com o dilúvio. O mar tem praias, porque tem limite; o dilúvio, porque era sem limites, não tinha praias.”

“Assim, a imensidade de Deus, (Inteligência Universal) quanto a comparação o sofre. Esta, a imensidade de Deus, no mundo e fora do mundo, está em todo o lugar, e onde não há lugar, está dentro, sem se encerrar, e está fora, sem sair, porque sempre está em si mesmo: – o sensível e o imaginário, a existência e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende... E até onde ?”

“Até não haver mais onde: sem termo, sem limite, sem horizonte, sem fim e, por isso, incapaz de circunferências”.

Em 1634, em Acupe, termo da Bahia, no sermão de S. Sebastião, disse também Vieira:

“Entre os olhos dos néscios e os olhos dos sábios, há grande diferença: os olhos dos sábios, como penetram o interior das coisas, vêem as realidades.”

“E como, naqueles que morrem pela Verdade, está encoberta a realidade da vida, debaixo da aparência da morte, por isso os néscios, que só vêem as aparências, presumem neles a morte, e os sábios, que penetram as realidades, reconhecem neles sempre a vida”.

Em Lisboa, na Sé, pregando, disse, ainda, Vieira:

“Grande miséria é, não digo, já, incredulidade, mas de estreiteza do espírito do humano ser, que confessando os homens a Deus, o poder lhe duvidem da vontade.”

“Mais ainda é maior a miséria e cegueira, que não falte quem até o poder lhe duvide.”

Tratando do homem, diz o grande orador:

“O homem não é só uma só substância, mas composto de duas, totalmente opostas: o corpo e alma, carne e espírito, e estes são os que entre si se fazem guerra, como diz São Paulo: a carne peleja contra o espírito, e o espírito contra a carne.”

“Por parte da carne, combatem os vícios, com todas as forças da natureza; por parte do espírito, resistem as virtudes, com os auxílios da graça; mas como o livre alvedrio, subordinado ao deleitável, como rebelde e traidor, se passa à porta dos vícios, quantos são os pecados que o homem comete, tantas são as feridas mortais que recebe o espírito, e basta cada uma delas, para se perder a graça”.

Em 1654, no seu sermão a Santo Antônio, diz também esse grande dos grandes:

“O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão.”

“Mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do alvedrio?”

Foi também ele quem disse, da tribuna, em Lisboa, em 1669, no seu sermão de Santo Inácio:

“O melhor retrato de cada um, é aquilo que escreve: O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a pena”.

Aí tendes a Inteligência Universal, a irradiar na tribuna e mesmo nas catedrais, quando os sacerdotes sabem pôr a alma, o espírito, ao serviço do bem, das causas justas, e então é a Inteligência Universal sentida e quase vista, através das suas partículas astrais, na voz, na erudição e na eloquência desses grandes vultos da nossa história, que, ao serviço da civilização e da humanidade, assombraram o mundo inteiro com o seu saber, com o seu talento, a sua honradez, as suas grandes e incomparáveis virtudes, como as dos padres Antônio Vieira, Nóbrega e Anchieta, manifestadas por toda parte, até ao dia de suas partidas para a morada que, num dos mundos luminosos que rolam no Espaço, lhes estava destinada.

Um jornalista em apuros

Os habitantes desta capital e dos Estados, guardam saudosas recordações de um passado de polémicas científicas, muitíssimo interessantes, promovidas pelo notável homem formado em Medicina, o Dr. Figueiredo de Magalhães.

Este esplêndido médico e operador, além de ser diplomado pela severíssima Escola Médica do Porto, era também doutor por escolas, academias, ou universidades médicas das Américas e das mais importantes da Europa.

Esses títulos foram adquiridos com o esforço do seu trabalho, pelos exames a que se submeteu, através dos quais pôde demonstrar a seu saber, e não por protecionismo, por intervenção de terceiros, portadores, não raro, de canudos maiores do que eles próprios.

Esse notável cientista e polemista Dr. Figueiredo de Magalhães, nascido no coração da lusa terra, em Gomieí, Viseu, Beira-Alta, pátria de Viriato, terror dos grandes romanos daquela época, além dos inumeráveis pergaminhos de cientista que obteve pelo seu superior talento, maior saber e grande trabalho, possuía condecorações do seu e de outros países, e em virtude do seu valor intelectual e patriótico, o Governo de Portugal, juntou às condecorações das suas ordens, os títulos que lhe conferiu de Visconde de Gomieí, e, mais tarde, o de Conde de Figueiredo de Magalhães.

Esse homem, assim consagrado e repleto de títulos honrosos, depois de haver percorrido o mundo inteiro, como médico da Arruada portuguesa e conhecido todas as casas de altos estudos e a totalidade de seus sábios lentes, resolveu fixar residência aqui nesta bela capital, e nela exercer a sua nobilíssima profissão, com grande proveito para os sofredores.

Operador notável que era, e sempre com o ardente desejo de honrar a sua querida Escola do Porto, resolveu aplicar o seu pulso firme, de uma cana só, como lá dizem, às operações das vias urinárias, dilatando canais uretrais, por essa ocasião a mais aborrecida enfermidade nesta capital e em quase todo o país.

Enfermo que lhe caísse nas mãos, delas não se escaparia mais, por mais caretas que fizesse, por mais que gritasse, sem que o trabalho ficasse feito e a sua cura realizada.

Lembramo-nos, ainda, com profunda saudade, de uma dessas operações, a que assistimos em São Paulo, por ele feita sem aparato, no próprio quarto de dormir do hotel em que se encontrava um dos maiores jornalistas de então e de sempre, rapaz ainda solteiro, nervoso, cheio de medo, que só induzido ao engano permitiu que o grande operador lhe deitasse as mãos e o operasse.

Esse grande jornalista, o maior de todos, depois do nosso Quintino, de quem foi companheiro e braço direito nos últimos tempos, era, como todos nós, amigo íntimo do notável cientista-operador, e acreditou que, por esse motivo, seria menos dolorosa a operação na sua uretra, mas foi um puro e doce engano, que pouco durou, visto que ao cair nas mãos do notável cirurgião do Porto, principiou a gritar e a pedir ao amigo operador que o deixasse por aquele dia e lhe destinasse outro para esse fim.

Mas foi tempo perdido, porque a resposta foi:

– Não, amigo, há de ser agora mesmo, porque não há tempo a perder; agora estás seguro e, se te largo, não te pego mais, porque tu, pássaro bisnau da imprensa, tu, notável orientador do público, conhecedor de todas as fraquezas do povo, inclusive as minhas, que consistem em consertar canais, pernas, braços e outras partes dos corpos de faias, de faíscas e não faíscas, de pernósticos, pernósticas e não pernósticos, como tu, menino, nunca me cairás mais no laço, como agora.

O notável jornalista pedia, suplicava, que não, que não fosse agora, ficasse para outro dia, em que o seu estado nervoso não estivesse tão alterado etc.

Mas o grande cirurgião se fazia surdo a esses pedidos, a essas súplicas, continuando no seu serviço e dizendo:

– Então vocês, meninos de talento, de “escrevinhação”, não são valentes, não são Napoleões da pena, para passar descomposturas em toda gente, e em mim e nos da minha profissão, quando não fazem o milagre de curar notáveis malandros épicos, que desprezam o que se lhes indica e que por isso não se curam?

– Que diabo! Nem parece você, menino, o bravo guerreiro da imprensa, montado no seu cavalo de combate, quando está lá na redação do seu jornal, a escrever o que lhe apraz e a dar sentenças de mestres!

– Não é você valente nas suas afirmativas, rapazinho, e profundo esgrimista nas polémicas, a ponto de ser temido por todos os seus colegas?

– Pois seja agora o mesmo maroto, o mesmo mordaz polemista, e atire-se contra mim, para ver se se liberta das minhas dianteiras, cujo valor você ainda não conhecia e por isso só me julgava pelas traseiras.

Continuava, porém, a gritar o paciente, alegando que não podia mais, ao que respondia o operador:

– Pois quem não pode não se aluga a enfermidades destas; por isso, é suportar aí no taco, firme como um luso antigo, as estocadas que a cirurgia me manda dar em tão notável gigante da imprensa, em tão valente polemista, que está aqui com esses gritinhos de menina casadeira, a desmoralizar a sua idade, a sua profissão e a sua raça.

Dito isto, no tom mais alegre que imaginar se possa, estava feita a operação, que durou alguns minutos, e ficava o nosso querido amigo e jornalista, livre das garras do mestre cirurgião e do abominável estreitamento.

Este grande homem, que tanto tinha de forte, alegre, brincalhão e prático, como de eminente conhecedor do seu ofício, possuía especial zelo pela sua profissão e não admitia que quem quer que fosse “truncasse em falso”, que é como quem diz: não escrevesse ou falasse com acerto sobre coisas médicas ou cirúrgicas; por esse motivo, estava sempre na imprensa diária a lecionar sábios, como um célebre Dr. Fort, lente de Anatomia de uma das escolas de Paris, que aqui veio para espantar os seus colegas, que muito mais do que ele sabiam, então, brincar como amigos, com o Dr. Monat, talentoso lente de Anatomia da nossa Academia.

Nessas rugas com os seus eruditos colegas, era belo ver como ele brandia a durindana do saber, auxiliado por uma linguagem franca, verdadeiramente marítima, inteiramente portuguesa, ao serviço da vontade mais fortemente lusitana que jamais vimos num cientista, e como com tais elementos, sem orgulho, sem vaidade, unicamente por amor verdadeiro à sua profissão e à humanidade, ele derrubava cedrinhas sabedorias, tortas e vaidosas, dos que por sábios maiores do que ele se tinham e que de Paris vinham para o Brasil, como se chegassem para um país já conquistado por eles.

A Inteligência Universal na História

A Inteligência Universal, observada e sentida nas manifestações dos reinos da natureza, nas estações do ano, por toda parte e em todos os ramos de atividade humana, também se sente e se observa, bem claramente, na história de todos os povos, desde os selvagens aos mais civilizados.

Na história, ela se observa e se sente nas épocas das mais remotas civilizações, como a do Egito, da Índia e da Grécia, muitos séculos antes de Jesus, até aos nossos dias.

Nessa época de real civilização, como se pode observar pela história de cada um desses povos, pelos seus monumentos e no grande Museu de Londres. Já no Alto Egito, muitos séculos antes de Jesus, Hermés afirmava:

1) Que Deus – Inteligência Universal – é a única Força Geradora de tudo quanto existia na Terra e fora dela;

2) Que os seus atributos eram a imensidade, a eternidade, a independência, a vontade todo-poderosa e a bondade sem limites.

Na Índia, muitos séculos também antes de Cristo, surgiu, dentre a sua grande população, Krishna, que proclamava a existência da Força, e ainda mais:

a) Que os males com que atormentamos o nosso próximo, nos perseguem como a sombra ao corpo;

b) que as obras cujo móvel é o amor ao próximo, devem ser ambicionadas pelo justo, porque são as únicas que concorrerão para o seu progresso espiritual.

Na Grécia, também séculos antes de Cristo, faziam as mesmas afirmativas os seus grandes homens: Sócrates, Pitágoras, Anaxágoras, Platão e muitos outros.

Observa-se e sente-se, mais claramente ainda, depois dessas civilizações, desses grandes homens, no nascimento, desenvolvimento, palavras, obras e desencarnação de Jesus, o maior dos grandes revolucionários e dos sábios que na Terra têm estado.

O que se passou nessas civilizações até à época de Jesus – e com este – não podia ser obra da matéria organizada, nem essas figuram humanas, a quem nos referimos, podiam ser produtos dessa matéria, e sim de partículas, já grandemente evoluídas, da Inteligência Universal, por todos eles proclamada, em alto e bom som, e por esses povos aceita como tal, como única fonte de tudo quanto existe.

Sente-se-a, depois disso, na luta à procura da verdade, e pela sua consolidação em todo o planeta, pelos povos do Ocidente e, especialmente, da Península Ibérica, em que se destacou o povo lusitano, que desde muitos séculos, também antes de Jesus e depois dele até aos nossos dias, nada mais tem feito do que se bater pela Verdade, pela Pátria, pela liberdade sua e de todos os povos, e assim pela justiça, que é a verdade, base da doutrina de Jesus, única religião aceitável.

Entre este heróico e grande povo luso, é ela sentida, observada, nos seus altos feitos, na sua constante luta por todas as coisas justas, desde 1174 anos antes da vinda de Jesus, até à fundação da sua monarquia.

Sente-se-a, na fundação da Ordem dos Templários, em 1118, no seu desenvolvimento e atos de bravura, lutando contra os soldados de Maomé, Ordem de que fez parte o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, e a cujo reinado prestou serviços relevantíssimos na conquista e na expulsão dos árabes.

Sente-se-a, depois ainda, na organização da Ordem de Cristo, substituta da dos Templários, entre as arcarias do grandioso e belo convento de Tomar, casa que foi dos Templários, e por estes construída em 1160, sobre um alto perto da cidade, que depois do Convento da Batalha, é o mais importante vestígio da antiga grandeza de Portugal.

Sente-se-a também quando o infante D. Henrique, cognominado o príncipe perfeito, discorria sobre a fundação da sua bela escola de navegação, no promontório de Sagres, entre cujas arcarias cem companheiros o aplaudiam, e com irradiações fervorosas, atraíam para ele as efluviações das Forças Superiores.

Sente-se-a, ainda, quando, já realidade essa escola de Sagres, esse ninho de águas lusitanas, que teriam de alar-se e pairar sobre todos os pontos da Terra e nela exercer a sua benéfica, a sua cristã e civilizadora influência, esse mesmo príncipe, esse forte, audaz e inteligentíssimo lusitano, no meio de todos os mestres da terra lusa, vindos de Piza e Gênova, a eles dizia o que queria, dava lições e ordenava construções de naves apropriadas para a descoberta de novas terras, de novos mundos.

Sente-se-a, mais, depois da morte desse notável príncipe e pai da navegação e das descobertas portuguesas, a bordo das caravelas que ao mar foram lançadas, dirigidas por Corte Real, Diogo Cão, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e outros, para a descoberta dos Açores, Madeira, Arquipélago de Cabo Verde, Terra Nova, e para dobrar o Cabo Tormentoso (Boa Esperança), entrar no Mar da Índia e ali chegar e exercer domínio.

Desse navegar heróico e inteligente, resultou a descoberta deste Brasil querido, a página mais bela da história das navegações do imortal e honrado Portugal, e o seu povoamento, colonização e independência realizados por esse povo grande na alma, na vontade forte, na honradez e no desprendimento.

Quem em tais feitos heróicos e históricos não sentir, não observar bem nitidamente a existência da Inteligência Universal e a sua benéfica influência, é porque tem prazer em negar-se a si próprio, em nivelar-se aos seres inferiores, e preferir as trevas à luz.

A Inteligência Universal na guerra

Depois de bem definida a Inteligência Universal na História e na natureza, vai-se senti-la na guerra, em todos os tempos, e até na atualidade:

1) Sente-se-a nas guerras do Oriente, quando a Pérsia, a Síria, o Egito e a Índia eram presas dos aguerridos soldados de Maomé, que bem depressa viram nele campo estreito para as suas desmedidas ambições. O mundo, reduzido à ação religiosa, era o pensamento do Corão, como é hoje, ainda, dele e dos seus aliados, o imperialismo guerreiro, expansionista e escravizador.

Do Egito ao Norte da África, era um passo para o Corão, e aí já o Cristianismo tinha assentado arraiais.

Deram eles esse passo, e em breve estavam a bater à porta da Espanha Goda e Cristã, como se vê na História;

2) Sente-se-a, portanto; bem nitidamente, entre os povos ditos cristãos, invadidos pelo Corão e pelos bárbaros do Norte, cujo Deus era Odin – Deus da carnificina – e, assim, entre os soldados da Cruz, lutando e vencendo os de Maomé e os bárbaros da Germânia, carnívoros como os primeiros e, por isso, ainda hoje em luta contra a liberdade, a igualdade e a moral;

3) Sente-se-a, mui especialmente, depois que os soldados de Maomé passaram o estreito, dando largas ao entusiasmo conquistador, na resistência a eles oposta, até à sua expulsão para além do estreito, pela raça que, desde remotíssimas eras, muitos mil anos antes de Jesus, ocupava e ocupa a cabeça da Europa, essa brava raça lusa que nunca suportou, paciente e calmamente, jugo algum, e sim, e sempre, reagiu, revoltada, contra o seu dominador estranho, desde o Cartaginês ao Romano, ao Godo, ao Suevo, até ao Castelhana, que venceu e banuiu, de vez, em 1640.

Aí, nessa lusa Pátria, é que ela fez sempre sentir, em todo o seu grande poder, a sua grande força, não só antes de Jesus, como depois dele, e em seu nome, na bravura indômita desse incomparável povo, um dos melhores e mais valentes até hoje conhecidos.

Além das guerras com os seus invasores, a quem sempre venceram, a ponto de levar, com Viriato à frente, o terror até às portas de Roma, então senhora do mundo inteiro, sente-se-a, e até se vê:

1) Entre os soldados da Cruz, os valentes lusitanos, tendo à sua frente o seu primeiro e querido rei, por eles eleito, D. Afonso Henriques, que, na batalha de Campo

de Zurique, enfrentou e venceu cinco reis mouros e quinze régulos, cujo principal imperador era Ismael, com uma infinita multidão de bárbaros, na proporção de cem contra um lusitano;

2) Entre os soldados lusos, ao mando de D. João I, Mestre de Aviz e do Condestável, D. Nuno Álvares Pereira, que, em 1385, com cinco mil e poucos portugueses, enfrentaram trinta mil castelhanos, comandados pelo seu rei, que vinham tomar conta de Portugal, como se fosse já um antigo Estado, ou solar seu, sem contar outros anteriores e posteriores altos feitos desse povo heróico de todos os tempos¹.

Sente-se-a, depois, bem nitidamente, bem claramente, em França, no século XIV, quando esse país, desorganizado pelos ambiciosos vulgares e traído pelos que mais deviam fazer por ele, já parte em poder do conquistador inglês que de toda a França era pretendente, quando, dentre essa miséria moral da covardia dos grandes do país, surge Joana d'Arc, apelidada, depois, a *Donzela de Orléans*, que de simples camponesa que era, até à idade de 18 anos, nascida em Domremy, se tornou general e grande heroína da sua pátria.

Sente-se-a, bem, irradiando nessa querida e grande alma da França, quando ela, Joana d'Arc, tocada das desgraças da sua pátria, assolada pelas discórdias intestinas e quase conquistada pelos exércitos ingleses, impressionada também por visões de figuras humanas, que ela via e ouvia, as quais lhe impunham a missão de salvar a França, partiu da sua choupana, através de mil perigos, e foi procurar o covarde Carlos VII, na sua pequena Corte de Chinon, na Toureana, por quem, depois de imensas dificuldades para falar a esse ingrato rei, que tremia de medo, lhe foi confiado o comando de alguns dos seus soldados.

Pondo-se à frente desta pouco numerosa tropa, Joana d'Arc conseguiu, em oito dias, libertar Orléans, que estava cercada por numeroso exército inglês, e era a única praça importante que restava ao rei da França (8 de maio de 1429).

Tendo, por este alto feito, adquirido a confiança do exército, Joana d'Arc conduziu Carlos VIII a Reims, através de territórios ocupados pelos inimigos, tomou muitas praças e venceu Talbot, na batalha de Patay; finalmente fez sagrar o rei, a 17 de julho de 1429.

Devia retirar-se nessa ocasião e retornar à sua modesta vivenda, por estar completa a missão que lhe fora ordenada, *par ses voix* (por suas vozes), como ela dizia, mas, cedendo às súplicas do covarde e ingrato rei Carlos VII, ainda ficou.

Joana d'Arc era uma simples pastora, sem instrução; apesar de jovem, tornou-se o general-em-chefe das forças francesas, fez o que aí fica narrado e algo mais, tornou-se a alma querida da França e foi até canonizada pelo Vaticano, (que anteriormente a havia mandado queimar, como feiticeira), pelos atos de heroicidade, patriotismo e de honradez que praticara.

– Poderia a matéria organizada assim proceder?

– Não, absolutamente, porque todos os atos, belos ou repulsivos, provêm do espírito.

¹ Vide Melo Morais, o Velho, em sua obra, “Os Portugueses Perante o Mundo”.

O caso, porém, é simples de explicar:

Joana d'Arc era médium que via e ouvia os espíritos, e uma criatura pura, de grande moral e desejo de bem fazer. Guiada par *ses voix*, pelos espíritos, puros, protetores da França, como ainda o são hoje, entregou-se a eles, e como seu instrumento dócil, é que se tornou general-em-chefe, a heroína, o espírito sublime da França, porque, tendo confiança absoluta em si mesma, e pensando elevadamente, atraiu esses espíritos, essas figuras humanas, brancas, que ela via e ouvia, tornando-se delas instrumento fiel e, como tal, assombrou o mundo com os seus feitos, os quais encheram as páginas mais belas da história da França e da Humanidade.

Sente-se-a, ainda, em 1648, em Guararapes, Pernambuco, entre os brasileiros daquela época, honrados, valentes e de convicção viva, como os seus irmãos da metrópole, em luta contra sete mil e quatrocentos combatentes franceses, alemães, húngaros, polacos, ingleses, suecos, holandeses, todos soldados práticos, valorosos e bem armados, com o acréscimo de um bom corpo de índios e negros, artilharia, munições abundantes, todos comandados por generais experimentados na Flandres, quando os brasileiros, em número apenas de dois mil e poucos soldados, inclusive dois terços de índios e negros bisonhos, mal armados e pouco municados, chefiados pelo general Francisco Barreto de Meneses, tendo por auxiliares principais Vieira, André Vidal de Negreiros, Antonio Felipe Camarão e Henrique Dias, lhes infligiram tremenda derrota, com grandes perdas para os inimigos, apesar dessa impressionante desigualdade de homens e material com que os enfrentaram.

A parada real

Já nos fins do reinado de D. Manuel II, tratavam as mais graduadas patentes do exército português de, no dia de anos do rei, organizar uma parada de todas as forças de terra, em homenagem à sua majestade.

Resolveram, ao mesmo tempo, que nessa parada figurassem todas as altas patentes, mesmo as reformadas, para mais brilho e imponência dar ao ato, as quais acederam ao convite do Chefe do Estado Maior.

Um, porém, dos mais notáveis, mas já bem velhote e de garrão fraco, como se diz no valente Rio Grande do Sul, disse que só se apresentaria se lhe arranjassem uma montada, um cavalo que se parecesse com ele: esbelto, mas pacato, bem-humorado, disciplinado, conhecedor de todos os toques, como os que ele teve e que lhe serviram para as grandes paradas reais do tempo de D. Fernando, pai de D. Luís I.

Responderam-lhe que sim, que lhe seria mandado um belo cavalo da soberba raça Alter, possuidor de todas as qualidades exigidas pelo valente general.

No dia da parada, à hora aprazada, ao campo próprio chegou, em carruagem no Estado Maior, o nosso glorioso general reformado.

Descido que foi da carruagem, primorosamente fardado e com todas as condecorações que possuía e que eram as que Portugal sempre ofereceu aos seus heróis, aos que souberam honrar a Pátria e a farda, apresentou-lhe o ordenança do seu oficial às ordens, o belo cavalo Alter, prometido para a sua montada, primorosamente ajaezado, disciplinado, conhecendo todos os toques e todas as manobras, como as do tempo do

nosso honrado general, mas da moderna escola de equitação, mais aperfeiçoada, diziam todos, do que a do tempo de D. Fernando e D. Luís I.

O velho guerreiro lusitano, da melhor raça de batalhadores de todos os tempos, dos que tinham por divisa – Cristo, Pátria e Liberdade, magnífica vergôntea dos Marialvas, tomou as rédeas da mão do ordenança, abriu-as por sobre a cabeça até ao arção da sela, segurou-as, como quem entende do ofício, com a mão direita apoiada no arção, pé esquerdo no estribo do lado esquerdo, mão esquerda apoiada à crina, (como fazia antigamente, quando as montadas eram espertas e de pouco exercício e ele tinha garrão, pernas fortes, e mão firme, e nesta posição fez o primeiro movimento de montar, levantando a perna direita sobre a anca do cavalo, sem tocar nela, à procura do outro estribo, dependurado do lado direito, e montou, não com a agilidade dos bons tempos, desde alferes, até tenente-coronel, mas montou.

As esporas eram antigas e de ouro, iguais às que sempre usou nas grandes paradas, com as quais estavam acostumados os belos ginetes seus daquela época, que tudo conheciam e tudo suportavam na forma, sem a menor demonstração de arrelia, e assim afeito o velho e glorioso general com tais montadas, não podia supor que os modernos fossem mais sensíveis e menos disciplinados.

Depois de montado, bem firme de rédeas, de estribo e de joelhos no arção, tanto quanto as suas forças lhe permitiam para manter o garbo marcial, próprio da sua alta patente, procurou colocar-se em posição de bem observar tudo e de homenagear o seu Rei, criança, o bisneto do seu querido Rei-artista, do seu boníssimo D. Fernando, quando observou que a sua montada, o belo cavalo que diziam ser um cruzamento do Árabe, com o Andaluz, que lhe garantiram ser manso, bem educado, respeitador da disciplina e de todas as atitudes em que o cavaleiro o colocasse, tão recomendado como um primor de disciplina e mansidão, não se sentia bem, estava irritado e não respeitava a vontade do cavaleiro, demonstrada na rédea e no movimento da parte inferior das pernas, especialmente pela guarnição, pelo aparelho, pela ferramenta dos calcanhares, as esporas de ouro.

Vendo o velho guerreiro luso que a montada não era o que devia ser e lhe prometeram, e sentindo que corria sério risco de ser desmontado pela cabeça, de ser cuspidado da sela pelo próprio cavalo, chamou o seu oficial às ordens, e lhe disse que aquilo não era sério, pois o cavalo não era próprio para a sua idade, nem era o que lhe haviam prometido.

O oficial às ordens, rapaz da época e conhecedor de todas as manhas, de todas as fraquezas, mesmo as cavалares, num olhar rápido observou que o velho guerreiro tinha as esporas de ouro encostadas à barriga do belo Alter, da esbelta montada, e então pediu licença ao seu superior, dizendo-lhe, em continência:

– Meu general, a montada é de lei, é de condição magnífica e bem educada, e se ela está irritada e não prova o que é e sabe, é V. Exa. o culpado.

– Eu, culpado!?! - perguntou o general.

– Sim, porque V. Exa. lhe tocou na barriga com as esporas, e essa parte não foi educada, e dela é mui zelosa essa montada.

Imediatamente o velho guerreiro afastou os calcanhares da barriga da montada, que se aquietou, como por encanto, mas amouu, e nesse estado se quedou, porque já havia tempo que ali, naquela sua parte, pela montada reputada a vida da sua vida, a

alma mater de todo o seu eu, ele, o grande general lhe estava tocando, e por isso foi mister procurar outra montada, para que a parada não perdesse o brilho da figura mais imponente e mais tradicional do exército luso.

Só vencerá quem se apoiar na força espiritual

Na luta pela vida destinada à criatura neste planeta de sofrimentos, de terríveis provações, só pode ser vencedor, sair vitorioso, quem se apoiar na Força espiritual, que é luz, que é o Grande Foco, que por intermédio de suas partículas, tudo organiza, incita e movimenta no Universo, uma vez que sendo a Força o principal elemento componente desse Universo, Inteligência Universal que é, sabe e pode dar ganho de causa a todos os seres que neste mundo lutam e como espíritos a ele vieram para se depurar, evoluir, ascender aos mundos de Luz.

Tanto assim é que quase todos pronunciam o nome de *Deus*, (*Grande Foco*), quando se vêem em dificuldades, quando iniciam qualquer trabalho custoso, demonstrando assim que os seres humanos sentem em si, e em volta do seu eu, a existência predominante de uma Força e que, por intuição, conhecem o seu alto valor, embora o não saibam definir, e desconheçam a sua essência, chegando muitos mesmo a negar-lhe a existência, o seu altíssimo valor, a sua real influência em tudo quanto vive e se move no Universo.

Para isso, para estar com essa Força, dela receber influências benéficas por intermédio das Forças Superiores, que na Terra se denominam espíritos ou almas, que partiram para o além, e ser um instrumento dócil, um elemento atrativo seu, preciso se torna que a criatura física se quede quase inerte, seja vencida pelo seu corpo mental, por intermédio do seu corpo astral (fluido nervoso), e que em tais condições saiba colocar-se no mundo físico, onde só terá os pés, e ligado o seu mental às esferas superiores, à Inteligência Universal.

Só pode, pois, estar com a Força Criadora, que é Luz, e dela receber a precisa e fortificante irradiação para a tremenda luta pela vida, o ser que se conhecer a si próprio como Força e Matéria, e depois desse real conhecimento, tiver a vontade fortemente educada para o bem e apto a estabelecer, pelos seus pensamentos, um cordão de luz e de amor entre a sua pessoa e as Forças Superiores.

De Força e Matéria são compostos todos os planetas e de onde tudo o que é bom vem à Terra para fortificar os seres e auxiliá-los no seu progresso, na sua ascensão. É por meio do pensamento que são formados cordões fluídicos para receber aquilo de que o espírito precisa para lutar e vencer.

Para se estar em paz, receber boas irradiações, é preciso que o ser humano saiba, de fato, colocar somente os pés no mundo físico e ligar a Força, o espírito, ao mundo moral por pensamentos e obras, e não por simples palavras, não por discursos estéreis, não por palrações, nas quais, via de regra, envolvem os nomes de Deus, de Jesus, e vivem a praticar atos de “Satanás” . . .

Se o homem se convencer de que o seu eu material nada mais é do que o “carro da alma”, neste mundo de perturbações, ou, mais claramente, uma alimária cavalgada pela Força, pelo espírito, pela alma, a caminhar, com mais ou menos rapidez, com mais ou menos vontade, nesta etapa da vida, neste campo físico onde tal alimária se torna

indispensável para o progresso, para o viajar da alma; se de tal verdade se convencer e racionalmente dominar essa alimária e por ela, pelo seu corcovar, não se deixar amedrontar e por fim a domar, fácil será o seu ganho de causa em tudo quanto se meter, inclusive a sua ligação mental às purezas astrais, fácil será a sua vitória em todas as lutas, em todos os combates que travar para a sua purificação.

Convencido desta verdade, e considerado o seu corpo físico, fará com ele o que se faz com todos os animais irracionais, com todas as alimárias que no mundo existem, e das quais o ser humano lança mão para o que lhe apraz, para auxílio da sua vida puramente física, e então dar-lhe-á o indispensável para manter-se, para se conservar forte, em condições de fazer marchas, conforme as necessidades da ocasião, conforme a vontade do seu eu, mas não gastará com essa alimária, com essa montada da sua alma, o precioso tempo, a paciência que pertence à alma, que pertence à Força, sabendo bem aproveitar o tempo, dando a cada parte do EU humano o que lhe pertence e cabe por direito natural.

Escovar bem escovada, lavar bem lavada, perfumar mesmo, se para tanto tiver renda, essa alimária infecta, mal cheirosa, que sem a vida, sem a alma, se torna, de fato, um nojo, alimentá-la regularmente, naturalmente, cristãmente, mas nunca alarvemente, é o dever de cada um, é obrigação do cavaleiro, da alma que a monta e nela está viajando pelos montes e planícies deste mundo, que é um verdadeiro vale de lágrimas, um tremendo deserto da vida real.

Após esse tratamento, esse escovar, lavar, perfumar e amilhar da alimária humana, do corpo carnal dos seres, após pô-lo em condições de força e vigor, conduzir a alma, como parte que é da Inteligência Universal, por toda parte onde for preciso estar para lutar, sofrer e vencer; após esse trato indispensável ao corpo, deve tratar da alma, de maneira a que não perca um minuto do tempo por ela determinado para estar na Terra em depuração proveitosa.

Quer isto dizer que após alimentado o corpo físico, preciso se torna alimentar o corpo mental, a alma, elevando-a às esferas superiores, banhando-a na luz espiritual que nessas esferas impera, para desse banho resultar a força e vigor, baseados na convicção de que todos os seres humanos dele precisam para lutar e vencer na Terra.

Esse trato e essa ligação são fáceis a todos os seres; é apenas questão de educar cada um a sua vontade fortemente para o bem, não querer para os outros o que não quer para si e saber que amar ao próximo é a base do progresso e da relativa felicidade na Terra.

É por isso que o Racionalismo Cristão afirma que só pode ser vencedor quem se apoiar na Verdade, que é luz a irradiar as almas.

Amar a Natureza

Se os pais e mestres soubessem ensinar à infância a amar a Natureza, as crianças, assim educadas, saberiam respeitá-la e mais facilmente compreenderiam porque é que se deve amar o próximo como a si mesmo.

Desse modo orientadas, não só procurariam compreender a Vida tal qual é, em essência, como se estudariam a si próprias, na sua composição fisiológica e psíquica,

para se convencerem de que é o espírito que anima o ser humano e o Universo, do qual pode ser considerado uma miniatura, porque contém todos os elementos de que o Universo se compõe.

Assim esclarecidos, quando adultos, cientes e conscientes dos seus deveres, já para com os pais, os mestres, ou a família e o próximo, não mais seriam admiradores de coisas corruptas, gozos materializados, danificadores da alma e do corpo, amariam o campo, viveriam mais em contato com a Natureza, teriam mais vitalidade.

É, pois, um crime não levar a sério a educação das crianças. Pais e professores devem pô-las em contato com a Natureza, para habituá-las a tomar interesse pelos campos e florestas, flores e frutos e tudo quanto a Natureza nos apresenta.

Falam muito em Deus, e o fazem por desfastio, ou para serem agradáveis às corporações religiosas, acompanhando as mentiras convencionais, mas só conseguem embaralhar o entendimento das crianças, porque não lhes sabem explicar essa Força em espírito e verdade, essência que no Universo existe a organizar, a incitar e a movimentar tudo, inclusive os componentes dos reinos da Natureza.

Estudar a Natureza é penetrar na sua imensa grandeza, reconhecer o seu esplendor, desde o romper da aurora, a iluminar as montanhas, as florestas, as encostas, os vales e os prados, e a fecundar o solo para a produção das numerosas variedades de arbustos, folhas, frutos e flores, até ao pôr-do-sol, de efeitos surpreendentes de luz nas nuvens, apresentando tonalidades várias, ao surgir da lua, por trás das imponentes montanhas, a pratear as águas dos grandes e belos rios, que no Brasil correm desde o Amazonas ao Prata, ou as areias das grandes e lindas praias que orlam seu extenso litoral.

Estudar a Natureza é amá-la, é conhecê-la, é sentir palpitar cada um em si a Força Universal. Estudar a Natureza, é admirar tudo que é belo, desde a violeta ao cravo, à rosa, à orquídea, à camélia, à magnólia, à avenca delicadíssima, à samambaia, ao feto arborium, à palmeira, desde a minúscula da Serra dos Órgãos, à Buriti, ao Indaiá, à esguia Juçara (palmito), à imponente e majestosa palmeira imperial; desde a Guaricanga, utilíssima ao sertanejo pobre, às mil variedades das plantas rasteiras, pequeninas, de variegadas cores, tamanhos e feitios, até à peroba, ao cedro, ao imponente jequitibá, o rei da floresta brasileira, com os seus alados habitantes, como o sabiá, o gaturamo, o sanhaço, o surucuá, a saripoca, que nos cimos das mais altas árvores soltam os seus cantos estridentes e variados, como quem acorda o homem e o chama a meditar sobre a imponência da floresta, e a majestade de tudo o que o cerca!

Conhecer, amar a Natureza, é tudo isso, e mais; embrenhar-se na floresta e demorar-se a percorrê-la, nela descansar, dormir, e ouvir, desde o ronco do jaguar, ao grunhir do caetetu, guinchar do macaco, o correr célere do veado, da paca, da cotia, da anta, da capivara para a ceva, para os barreiros, para os pontos em que estão acostumados, onde se reúnem todas as noites, de mistura com o ciclar da brisa e o murmúrio dos regatos e o bramir das imponentes cachoeiras, despenhando-se de dezenas de metros de altura a formar belíssimo rios navegáveis nas planícies sem fim.

Conhecer e amar a Natureza é ao romper da aurora, sair da floresta para o campo, sentir o dourado do Sol que o banha e fecunda, e aí observar o movimento e o canto da perdiz, das codornas, o gado, que pasta nédio e alegre, o veado galheiro (o cervo), que ao pressentir a presença do homem, levanta-se dentre as manadas e atira-se

em carreira vertiginosa em direção ao rio mais próximo, onde se lança, a esconder o corpo para fugir do homem que crê ser um seu natural inimigo.

Conhecer e amar a Natureza é ver nas campinas lindíssimas, em bandos, a ema e a seriema, à sombra das mangabeiras, alimentando-se com seus saborosos frutos, e após encaminhar-se, em passos lentos e cadenciados, para os lagos, a banharem-se, a se agitarem, descuidadosamente.

E assim conhecendo e atentamente observando e amando a Natureza, em todas as suas manifestações, se reconhecerá que a Inteligência Universal é luz, e se compreenderá como ela está em toda parte, sentindo-a no perfume das violetas, dos cravos, das rosas, das flores das laranjeiras, das magnólias, das orquídeas e mil outras essências, que fazem as criaturas olvidar as coisas terrenas viciosas, para só se lembrarem das dos mundos espirituais.

Sente-se o Grande Foco ou a Inteligência Universal também no cantar do rouxinol, em noites de luar, nos salgueirais dos países meridionais, no cantar mavioso, repleto de terna melancolia, do sabiá, em plena liberdade, nas grandiosas florestas do Brasil; no bramir das ondas em noites tempestuosas, no marulhar das cachoeiras, que se despenham por entre relvosos e floridos montes e prados, no ciclar da brisa, em tardes amenas ou em noites luarentas, e no perfume inebriante dos campos floridos.

O Grande Foco ou a Inteligência Universal, está em toda parte, porque o seu todo anima, movimenta e desenvolve os seres e as coisas, e é obreiro e artífice de todos os mundos que se movimentam no Espaço.

Está em toda parte, porque sem a Força o que seriam a Terra, os mundos, o espaço e tudo, desde os minúsculos insetos, aos mais alentados habitantes da floresta, desde as mais pequeninas, às mais grandiosas coisas?

O Grande Foco está em toda parte, porque tudo o que vive contém uma parcela, embora pequena, de Força. Sendo, pois, a Força a vida de todos os seres, de todos os corpos, atua em todas as coisas e manifesta-se em todos os reinos da Natureza.

Estudar a Natureza é o ser estudar-se a si mesmo, conhecer-se como Força e Matéria, convencer-se de que dentro desses dois elementos, é que se explicam as causas e os efeitos.

Força e Matéria são a composição de tudo o que tem vida. Não se poderá explicar a Vida fora desses dois elementos. Pretender-se apresentar uma entidade abstrata, além de Força e Matéria, é atestar que ainda se possui grande carga mística a obliterar o raciocínio.

O homem e as leis a que está sujeito

O homem, assim como todas as coisas, está sujeito às leis comuns e naturais que regem a Terra e o Universo.

Essas leis são as que levam o ser ao ponto que ele deseja, de acordo com os sentimentos que possui.

A elas estão sujeitas as partículas que necessitam evoluir, e essa evolução terá de ser feita mais rapidamente do que se imagina, para que este mundo deixe de ser um paul de misérias, onde os espíritos vêm fazer a sua evolução por meio dos sofrimentos, e possa ser um lugar no qual as criaturas saibam compreender-se, para que na mesma comunhão de pensamentos pratiquem o bem, auxiliando os seus semelhantes e, pelos seus exemplos, façam com que os homens vão deixando o vício e entrem no caminho do dever, da honra e da moral.

As leis comuns, a que todos estão sujeitos, são regidas pela Inteligência Universal, e terão de fazer desaparecer os vícios, para que imperem a virtude e a verdade, que elevam e dignificam os povos.

Para que o homem possa bem compreender o que são essas leis, precisa ele estudar e meditar, procurando conhecer-se nos seus três corpos, para reconhecer que, além do corpo material, existe uma coisa superior que o incita e movimenta, de acordo com a sua inteligência e os seus sentimentos.

No dia em que a humanidade compreender que além da matéria há a Força que a locomove, que faz dela o que quer, Força que é a inteligência, comum a todos os seres, compreenderá então que a única característica que os diferencia, é a posse dum espírito mais ou menos evoluído.

Compreenderão os que se julgam infelizes, devido a circunstâncias várias de educação e instrução, que, desde que o homem saiba ser honrado, ter moral e critério, poderá aprender tudo o que deseja, porque possuindo sentimentos elevados, há de forçosamente atrair Forças idênticas à sua vontade, para que possa, assim, realizar os seus ideais; mas é claro que só o conseguirá quando seus ideais visarem o bem do próximo e não somente a ostentação da sua vaidade e luxo, sem finalidade de evolução espiritual.

Procurai, pois, compreender o que sois como seres humanos, e quais as leis a que estais sujeitos, para que possais colocar-vos à altura de poderdes enfrentar a luta e dela sairdes vencedores, mas sempre com razão e com critério.

O tempo é de lutas, e só será digno de consideração o que se souber colocar ao abrigo das leis comuns e naturais, para dentro delas poder sair vencedor e nunca se deixar vencer ou escravizar à vontade de políticos, feitos a martelo, que não querem lutar pelo engrandecimento e tranqüilidade do povo.

Dar a cada um o que lhe pertence

É pelos fatos provados que um povo pode demonstrar os seus sentimentos, e os representantes de um país provar o que são a sua gente e a sua espiritualidade.

E para prová-lo com verdade, é necessário que os homens que representam esse mesmo país, saibam colocar-se em condições de compreender como é importante o caráter humano, para adquirir os sentimentos que devem possuir os homens, cujo fim é lutar por causas justas, pelo engrandecimento do Povo e da Pátria.

No momento atual, em que só torturas, misérias e fome se observam por toda parte, deviam os povos civilizados raciocinar um pouco mais para compreender que, por vezes, a satisfação da matéria traz o tédio à alma.

E nesse raciocinar, compreenderiam que, além desta vida, outra há, para a qual devemos trabalhar sem desfalecimentos, a fim de que ao partirem deste mundo de misérias, possam os espíritos encaminhar-se aos lugares que lhes são próprios.

Se estudassem o que, por diversas vezes, temos explicado, não praticariam, a todos os momentos, faltas que demonstram pouco senso, e atos que cada vez mais os vão amesquinhando.

Não culpamos, em toda a linha, o povo, porque este, por vezes, ou quase sempre, ressentido-se do agir daqueles que, pelos cargos que ocupam, tinham o dever de pensar com mais critério, de preocupar-se com coisas úteis e, entretanto, deixam-se vencer pela matéria, pelos gozos animalizados, sem se lembrarem dos papéis ridículos que praticam, sempre que se esquecem dos seus deveres a cumprir.

Se a mocidade estivesse preparada para compreender a vida fora da matéria e o valor que ela tem, estamos certos de que não se entregaria tanto ao vício, e procuraria antes compreender a vida que terá de viver, porque a vida terrena é um momento, comparada com a vida do espírito, que é eterna.

Se a mocidade tivesse quem lhe explicasse, com base, com honra e com critério, quais os deveres a que estão sujeitos os seres humanos, uns para com os outros, neste momento, (4 de fevereiro de 1918), em que longe daqui seus semelhantes se batem pela defesa de suas famílias e da Pátria, que corriam o risco de serem escravizadas pela ambição desmedida de alguém, teriam quem com eles soubesse sofrer, encontrariam no povo brasileiro – que sempre soube chorar as desgraças alheias, que acolheu no seu solo, em todos os tempos, os despatriados, dando-lhes alento e alívio, demonstrando assim o sentir de suas almas – a solidariedade desejada.

Procurai, pois, mães, para quem tanto temos dirigido as nossas palavras, despertar em vossos filhos os nobres sentimentos da fraternidade Cristã, a fim de que não continuem a mostrar-se indiferentes às dores alheias.

Procurai ainda ensinar-lhes a dar a cada um o que a cada um pertence, e a colocar cada coisa no seu lugar, para que assim saibam gozar com a alegria alheia e também sofrer quando o seu semelhante sofra, provando que de fato pertencem a uma Pátria espiritualizada, cujos filhos desejam para o seu próximo o que para eles próprios almejam.

As mulheres do Brasil

Têm as mulheres a sublime missão de preparar cidadãos, quer física, quer moralmente, para a vida de paz ou de guerra.

É do bom desempenho desse preparo que as mães devem dar aos filhos, desde o berço até à sua maioridade, que eles se mostram como devem ser, fortes e valorosos, para bem defender os seus direitos e os da sua Pátria.

E porque assim não têm feito, é que nos dirigimos hoje às mulheres do Brasil, para lembrar-lhes como devem agir e educar os seus filhos, pois tendo direito sobre eles, devem fazer uso desse direito com verdadeiro afeto, que se manifestará no desinteresse pelas suas paixões mundanas e no obrigá-los a cumprir os seus deveres, tratando da defesa da família e da Pátria.

No entanto, as mães descuidadas, sem a menor noção do que sejam esses sentimentos maternos, perguntarão, na sua inconsciência:

– Que temos nós com os interesses dos outros povos, de outras mães, se, para defendê-los, é preciso que matem os nossos filhos?

E nós, que queremos que saibam a verdade, responderemos:

– Tendes, e tendes muito, porque o Brasil fez-se aliado das Nações que se batem pela liberdade; e como o sentir de uma Nação não se manifesta, unicamente, pelo Governo, mas pelos atos do seu povo, precisais confirmar esse sentir, irmanando-vos na dor das outras mães e pondo os vossos filhos em condições de irem em auxílio dos filhos delas.

Por enquanto, ainda não pensaram nestes feitos elevados as mulheres preocupadas com outras coisas, para elas de mais valor, como o vestir bem e na moda, o freqüentar saraus, não faltar a nenhuma festa e todas essas pequenas futilidades, sem ao menos quererem demorar as suas atenções nas lições grandiosas de patriotismo e abnegação que lhes estão dando outras mulheres que, deixando as suas comodidades, se encontram no campo de batalha, umas no elevado mister de enfermeiras, e outras no setor industrial, a trabalharem para preencher a falta dos homens, seus esposos e seus pais, que heroicamente se batem pela liberdade de todos os povos.

Segui esses exemplos! Mostrai-vos almas que vivem, e não seres que vegetam! Mães, educai melhor os vossos filhos e as vossas filhas para o futuro; ensinai-lhes a serem fortes para lutar na guerra ou na paz, pois que a luta existe sempre; a elas, para os saberem acompanhar nessa luta, para mostrar-lhes que são mais que bonecas enfeitadas, que são mulheres que sabem consolar as companheiras da dor e lutar, quando os animalizados querem escravizá-las.

Precisais, pois, mulheres do Brasil, pensar mais seriamente na vida, porque em breve ver-vos-eis forçadas ou a aumentar o número das escravizadas, pela vossa falta de raciocínio e de vontade para o bem, ou a aumentar o número das mulheres livres, que sabem amar as suas Pátrias, defendendo os seus interesses, que são os ale todas as mães.

A verdade ofusca a mentira

Já temos explicado que o ser humano um composto de Força e Matéria.

Força, que é luz, elemento inteligente, de que a criatura pode fazer uso para o bem ou para o mal, conforme a educação da sua vontade.

A educação da vontade conseguem-na os que quiserem ser cumpridores dos seus deveres, de acordo com as funções que exercem.

Essa educação parte da vontade do espírito que, exercendo domínio sobre a matéria, que é o corpo organizado, sabe conter os seus impulsos.

Sendo, portanto, o espírito o primeiro elemento componente do Universo, é ele a *alma mater* de tudo quanto os seres praticam, quer para o bem, quer para o mal, mostrando que a matéria por si só não se movimenta nem incita, sem que a Força atue nela, pondo em ação a sua vontade.

Conhecedores de que são estes os dois elementos empregados na composição psíquica e fisiológica do ser humano, da sua força irradiativa e de como deve ser posta em prática a lei de atração, estamos certos de que todos procurariam empregar a sua vontade conscientemente para o bem.

Se soubessem, ainda, que só a verdade faz os homens livres, procurariam compreender o que é a verdade, quais os benefícios que proporciona aos que a colocam acima de todas as convenções sociais, para dar cumprimento aos seus deveres de cidadãos honrados.

Compreenderiam que está ao alcance de todos saber o que é o homem, e quais os deveres a que está sujeito, para poder bem desempenhar os seus cargos, dando exemplos aos seus compatriotas, para se tornarem úteis a si e à Pátria.

No dia em que os homens compreenderem o que são o espírito e a matéria organizada, voltará a imperar a verdade, que é luz que eleva e glorifica aqueles que sabem praticar o bem e esclarecer a humanidade.

Certos podem ficar os grão-senhores de que a verdade há de triunfar sempre e que é mais fácil dizê-la ou escrevê-la do que empanar a mentira. E se não, raciocinai, para verificardes se o que afirmamos é ou não real, e se o fazemos ou não baseando-nos em princípios certos e seguros, ou em simples palavrorio que nada exprime.

Se raciocinardes, em vós próprios verificareis que quando dizeis ou escreveis a verdade, as vossas consciências se sentem felizes, e quando afirmais, com verdade, um fato, enfrentais o perigo sem receio; entretanto, quando dizeis uma mentira, ao terdes de confirmá-la, já o medo se apodera de vós, não vos lembrais bem do que dissestes, e é assim que caminhais para a desmoralização.

Procurai, pois, basear-vos na verdade, dizei-a, escrevei-a, e fazei-a sentir em toda a linha, se quereis ser de fato cidadãos livres filhos de uma Pátria livre.

Lembrai-vos, repito, que é mais fácil dizer ou escrever a verdade, que empanar a mentira, porque só a verdade faz livres os homens e as Nações.

O homem e o animal

O ser humano, tal qual é conhecido, é composto de duas entidades que vulgarmente são representadas pelo Homem e pelo Animal.

O homem é a força, a luz, partícula da Inteligência Universal, que o vulgo denomina alma ou espírito.

O animal é o corpo, puramente material, repleto de gostos depravados, de vícios, de nojentos hábitos, oriundos do instinto, a que obedecem os irracionais.

No mundo físico, a parte animal está à vontade, achando-o mesmo delicioso, belo e a melhor das coisas. Por isso, sente-se às mil maravilhas quando o espírito – a Força – se torna indolente e cabriola à vontade, imitando os seus colegas, os seus irmãos irracionais, e ficando mesmo grandemente animalizada em certas épocas do ano, como no carnaval, seja este popular, político ou sectário, em que fica perturbadíssima, e só a intuição do dever a cumprir para ascender espiritualmente, tem o poder de fazê-la

sofrer, com maior ou menor resignação, esse triste, esse doloroso estado da sua ligação à matéria, ao animal, e a permanência fora do seu estado natural, do mundo que lhe é próprio, onde, ao contrário da Terra, tudo é luz, harmonia e fraternidade.

Ao animal, pertencem todos esses folgares carnavalescos, todos os atos puramente materiais incontidos, desordenados, reprovados, engulhosos, que, com o nome de civilização, são representados, diariamente, pela maioria dos seres e deles não compartilha o homem real, o ser inteligente, a alma, que só poderá dominar a parte animal quando, pela educação da vontade, adquirir o hábito de raciocinar e assim compreender bem a sua fonte de origem e os seus deveres para consigo mesma e para com a humanidade.

Quer isto dizer que as almas esclarecidas e fortemente educadas para a luta pela vida, e assim, para o bem, dominadoras dos maus hábitos, senhoras serão absolutas do animal ao qual estão ligadas, como castigo de faltas, de descuidos em encarnações anteriores, não podem praticar atos que não sejam de inteiro valor, ponderação, moderação e de justiça, e assim verdadeiramente humanos.

Assim sendo, é dever de cada ser humano procurar educar a sua vontade para, com o auxílio desta, pôr o raciocínio em ação, do que lhe resultará a convicção de que o ser humano mais infeliz é o que se não conhece a si como Força e como Matéria, na parte inteligente e na parte animal, porque em tal estado não passa de um joguete das correntes inferiores às quais está ligado, e, portanto, de um escravo do astral inferior, que tudo faz para o mal, para a desordem, para a desmoralização, para a ruína dos seres que se lhes tornam dóceis, que os atraem com seus pensamentos materializados, repletos de desejos desordenados, intemperados, próprios de irracionais.

Até agora, o homem tem sido dominado pela parte animal, daí resultando o mal-estar que se observa em toda parte, sem falar nas guerras externas e internas, individuais e coletivas.

Quando, porém, passar o Homem Força a imperar sobre o homem matéria, quando o Homem Força se dispuser a reagir contra a indolência e a preguiça e passe a lutar, conscientemente, para subjugar, para vencer, para dominar os perturbadores instintos do animal, que é o corpo material ao qual está ligado, a sua depuração será feita com maior rapidez, como é necessário, e ele deixará de movimentar-se pelo instinto, como acontece com a maioria.

Sim, deve imperar o homem, partícula da inteligência Universal, porque é chegado o tempo de a Terra e seus habitantes passarem por uma grande transformação.

Antes do fim do século, é de crer que o homem começará a ter nojo de tudo o que hoje são gozos, divertimentos carnavalescos, comezainas desordenadas, politicalha, beberagens alcoólicas, que fazem as delícias da gente da nossa época, campeando, assim, os vícios, a imoralidade, tudo contrário ao progresso do espírito, que a tais atos animalizados não preside nunca, como facilmente pode verificar qualquer ser que, após entregar-se a gozos puramente animalizados, fizer um exame de consciência, influenciado pela razão e o bom-senso. Depois desse exame, o ser humano sente-se deprimido e com nojo de si mesmo, por ter chegado à prática de atos puramente bestiais.

Viver é lutar, e lutar, com valor e paciência, é vencer

A luta é a vida destinada a todos os espíritos, quer estejam encarnados neste planeta de torturas e sofrimentos, quer tenham de chegar à atmosfera da Terra, para nela trabalharem em corpo astral.

A Força, que é espírito ou alma humana, mantém-se sempre em atividade, em luta com os elementos físicos que a rodeiam e envolvem, aos quais precisa vencer para a prática do bem, base do progresso de todas as almas. Por esse motivo afirmamos que viver é lutar, com mais ou menos intensidade, com mais ou menos vigor, com mais ou menos valor, mas lutar sempre, para a alma se libertar, o mais rapidamente possível, das manchas resultantes de suas faltas, filhas dos seus descuidos e desvarios, que se acham aderidas a ela, como a ferrugem ao ferro.

Por mais indolente que seja o ser humano, terá que trabalhar e lutar sempre contra os maus instintos, por serem estes a fonte de apetites depravados, de desejos intemperados, que o ser precisa vencer, para não se deixar empolgar e escravizar, nivelando-se aos irracionais.

Sendo certo que viver é lutar, e quem luta é que vence, porque só vencendo cumpre o seu dever, satisfaz a sua alma, atinge a perfeição e evita maiores sofrimentos físicos e morais, sempre terríveis e de grande perturbação para as almas, partículas da Inteligência Universal que na Terra vivem, agindo de acordo com as leis naturais e imutáveis, cada uma na esfera de ação por tais leis determinada, preciso se torna saber que só se vence quando se luta com valor, com ponderação, com moderação, com justiça e com a paciência que nasce do conhecimento e da prática desses quatro princípios, que constituem o homem verdadeiramente honrado.

Lutar, pois, com valor e paciência, é vencer, é ter certeza de êxito, é caminhar para a perfeição suprema.

O principal segredo de todo êxito na vida dos seres é, pois, a prática desses princípios fundamentais da honradez.

É corrente entre os moralistas da Inglaterra, que a paciência e o domínio de si mesmo aplanam o caminho da vida, abrem muitas outras vias que, sem isso, ficariam fechadas; isto sucede na política, como nos negócios, e o bom êxito nessa esfera da vida, obtém-se menos pelo talento, do que pela moderação; menos pelo gênio, do que pelo caráter. Quer isto dizer que o ser humano que não tiver império sobre si mesmo, se não tiver paciência e tato, não poderá dominar-se a si próprio, nem governar os outros.

A propósito, convém lembrar que um dia discutiam diante de Guilherme Pitt, conde de Chatham, célebre estadista e literato inglês do século XVII, a questão de saber qual era a qualidade mais necessária a um primeiro-ministro. Um dos interlocutores, disse que era a eloquência, outro a ciência, e um terceiro, o trabalho.

– Não, disse o grande Pitt, é a paciência.

Assim se manifestava o notabilíssimo estadista da Inglaterra, por saber, por experiência própria, que a paciência implica império sobre si mesmo, qualidade que Pitt possuía no mais alto grau, e daí o afirmarem amigos seus que nunca o tinham visto de mau-humor, porque sabia combinar essa virtude passiva – a paciência – com a atividade mais extraordinária, o maior vigor e uma grande rapidez de pensamento e de ação.

Foi a paciência e o vigor que sempre deram ao nosso heróico Floriano Peixoto ganho de causa, tornando-o vencedor em toda linha e consolidador do sistema republicano. Soube esperar, agindo sempre com paciência, e tudo venceu, esse grande brasileiro.

Tão certo é o que aí fica, que os mais notáveis homens dessa tradicional Inglaterra, a rainha dos mares, principal elemento vencedor da guerra de 1914, afirmam – e o seu povo o prova, a fartar – que é pela paciência e pelo império sobre si mesmo que o verdadeiro caráter heróico se aperfeiçoa, e que todo homem que quiser atravessar a vida honrosa e tranqüilamente, deve, necessariamente, aprender a praticar a abnegação, tanto nas pequenas coisas, como nas grandes, e saber sofrer e conter-se.

O temperamento deve sujeitar-se à reflexão, e os demônios do mau-humor, da petulância e do sarcasmo, devem ser conservados resolutamente à distância, o que só se consegue com exercícios de vigor, com vontade forte e paciência, que é como quem diz, o domínio da alma sobre a matéria; sobre os instintos animalizados, sobre a vaidade, a prepotência, o orgulho, a ambição, próprios dos seres inferiores, embora sejam grandes eruditos e pareçam superiores, por isso e pelas mentiras convencionais que engendram, às quais se escravizam.

Em que consiste a superioridade nos homens

A superioridade que pode destacar qualquer ser humano entre os seus concidadãos, não consiste na riqueza, no talento, na erudição, na sabedoria de coisas várias, já farta e monotonamente conhecidas por aí além, em outros países, em outras línguas, porque essa erudição está ao alcance de qualquer indivíduo que saiba ler, que se disponha ao trabalho metódico e constante de estudar e que tenha dinheiro para adquirir esses compêndios escritos em qualquer das línguas.

A superioridade do ser humano, tão apregoada por esse mundo e por muitos desejada, também não consiste no pergaminho que possua, prova do estudo duma ciência baseada simplesmente na matéria organizada, que nunca foi causa de coisa alguma, mas efeito.

A superioridade também não consiste em possuir muito dinheiro, porque este, tentação que é, raras vezes é bem adquirido, conservado e humanamente aplicado. O dinheiro, como a posse de outros bens terrenos, pode desaparecer da noite para o dia.

Por ser produto da terra, na terra fica. E aquilo que não é bem adquirido, já diz o povo, em sua inata sabedoria: “bens de sacristão, cantando vêm, e cantando vão”.

A superioridade não consiste também na força física de cada indivíduo, porque essa força, como tudo o que provém da matéria organizada, facilmente se aniquila. O que não se aniquila é a força moral que emana do cumprimento consciente do dever.

Assim sendo, e não tendo a humanidade outras bases, outras razões, para julgar os homens, para destacá-los uns dos outros, para os tornar superiores, para os proclamar os maiores de todos, em que consistirá então essa superioridade, esse destaque verdadeiramente racional?

– A superioridade, propriamente dita, dos seres humanos, só poderá existir, na medida em que a alma de cada um se esclarecer e aprimorar os seus sentimentos, o seu

saber na investigação dos porquês de todas as coisas, partindo do princípio de que Força e Matéria são a composição do Universo, a base, portanto, de tudo quanto existe.

A superioridade existe na Força e não na matéria (corpo) de cada ser. Na Inteligência Universal é que se encontra a superioridade que incita e movimenta cada ser humano, neste mundo, para o bem.

Sendo a sede dessa superioridade dos seres humanos na alma, só podem ser realmente superiores as criaturas verdadeiramente esclarecidas sobre o significado de Força e Matéria, para palmilharem, apoiadas nesse esclarecimento, a larga estrada da virtude, da verdade e da moral. Os que assim procedem, dignificam a sua vida, fortalecem a vontade e só o bem fazem aos que deles se aproximarem e por eles se deixarem irradiar.

A verdadeira superioridade consiste no real conhecimento da verdade e na sua inteira e desenvolvida prática – base da moral. Esta, sim, é que torna os seres humanos verdadeiramente superiores, amados, respeitados, e até temidos. No conhecimento da Vida e na prática desartificial da moral, é que consiste, pois, a superioridade dos homens.

O erudito, o argentário, o atleta, todos os homens, enfim, que não possuam real valor moral, não podem ser classificados de superiores, nem tomados a sério; porque serão, enquanto assim procederem, péssimos instrumentos humanos, representando um grande perigo social, ao invés de grandes auxiliares do progresso.

A criatura humana, sem moral, é o mesmo que uma flor sem perfume, um diamante sem burilagem, um corpo sem vida real, uma vida inteiramente perdida.

– E por que o erudito, o sábio, não aliam a moral ao saber?

– Justamente pela razão de se julgarem grandes eruditos, grandes sábios, apesar de se ignorarem a si mesmos como Força e Matéria, porque a sua erudição, baseada na mentira, em efeitos e não causas inteligentes, timbra em ignorar a verdade, mesmo quando descrita, quando demonstrada, quando provada, como o Racionalismo Cristão está fazendo.

Porque todo aquele que se apregoa erudito, ou o que em tal conta se tem, quanto maior nesse sentido se acredita, ou o proclama, mais se arraigam nele a vaidade, o orgulho, a mania de superioridade, de saliência social e política, e quanto mais predominam esses vícios, mais inferior se torna e mais longe alija a verdade que se lhe apresenta. Esses eruditos cada vez mais repudiam a Verdade, pelo simples fato de não ter sido ela descoberta sua.

Sendo a verdade a base da moral, e esta tendo a sua sede na alma, é natural que os sábios materialistas, tratando somente do corpo dos seres e coisas puramente materiais, afastem de si as Forças Superiores que estão ao serviço do bem. Muitos são aqueles que negam o espírito, negando-se, portanto, a si próprios, na parte Força, na parte alma, e por isso deles parte muita coisa errada, prejudicial ao progresso dos seres.

Repudiando, pois, a verdade, baseada na Força, na Inteligência Universal, esses “grandes homens” – que até a existência do éter, do fluido astral, da matéria cósmica, confessam ignorar, por ser, para eles, invisível, quando é certo que suas teorias são baseadas no átomo, também invisível, nunca visto nem cheirado – esses grandes homens, dizíamos, repudiam os princípios da moral que levam a criatura à perfeita

honradez, moral que consiste no valor para a luta, qualquer que ela seja, na ponderação, na moderação e na justiça.

Quem não possuir moral, não pode ser superior, não pode ser respeitado e muito menos temido, porque é um escravo do vício, da mentira e de todas as misérias.

Palavras bonitas, quem quer as pode pronunciar, para as levar o vento, porém atos, força e valor, moderação, ponderação e justiça, é o que se precisa praticar.

Quando se é esclarecido, quando se conhece a verdade, quando se tem a certeza da composição do Universo, princípio e fim de tudo, não mais se contam léguas, não mais se fazem discursos de légua e meia, não mais se atira a criatura contra tudo e todos, quando não lhe satisfazem os desejos intemperados de fera humana.

A Inteligência Universal nas Artes

I - As Tapeçarias

Depois de sentir-se a Inteligência Universal em suas manifestações várias, nas quatro estações do ano e nos movimentos, vida e hábitos de exemplares dos diversos reinos da natureza, bem como na história dos povos, nas navegações e na guerra; depois de fartamente provada a sua existência pelas obras, pelas manifestações da vida inteligente, da vida superior, pode-se senti-la e quase vê-la nas belas-artes, produto das suas partículas mais evoluídas, os seres humanos, cópias dos diversos reinos da natureza e até da vida nos mundos superiores, nesse além grandioso e belo.

É nessas manifestações da arte que ela mais claramente se sente, porque sente-a o ser humano em si próprio, reproduzindo no mármore, no granito, no marfim, no ferro, no bronze, nos metais diversos, na madeira, nos couros, nas tapeçarias, nos panos vários, desde os de estopa, aos de linho, de algodão, lã ou seda, na tela e na música; em todos os reinos da natureza e nas suas manifestações diversas, de várias cores e feitios, está o ser humano integrado na vida dos seres e coisas do Universo, quando desenha, com as cores, movimentos feitios que lhes são próprios, nos diversos tecidos, nas telas, nos corpos sólidos, para expor à admiração pública o conjunto de todas as belezas das vidas dos seres em diferentes estados, épocas selvagens, civilizadas, até aos nossos dias.

É aí, nessa variedade de manifestações e feitios de seres e coisas, que bem se nota a Inteligência Universal no sentir da sua partícula humana, em todas as épocas da sua vida, e se observa, bem claramente, como a Força ou Inteligência se salienta da matéria, que nada mais é do que o elemento existente para dele fazer o espírito o uso que lhe aprouver, como acontece na remodelação dos corpos, figuras e coisas que na arte se representam, para prova da superioridade da inteligência, da alma, em relação à matéria.

Sente-se-a na arte oriental, que há seis séculos, antes do nascimento de Jesus, provava a alta civilização daqueles povos; nas tapeçarias, criação sua, adornadas umas, com desenhos pintados, outras, mostrando os labores tecidos na mesma tela, e algumas, primando nos bordados que as guarneciam, profusamente.

Mas, em todas, deixavam bem patente os artífices o engenho vivo e fecundo dos povos orientais, compondo aqueles desenhos, tecidos ou bordados, imensa variedade de figuras de homens, animais e plantas, sob as formas mais caprichosas e fantásticas que

uma imaginação exaltada e poética pode conceber, como afirma Vilhena Barbosa, numa das suas obras.

Sente-se-a, séculos depois da invasão dos Bárbaros do Norte, sobre o Ocidente da Europa, e da expulsão destes, que fizeram recuar séculos a civilização, após longo período de trevas e barbáries, chamado a Idade Média, em que cessou, inteiramente, o uso das tapeçarias. Sente-se-a nessas belezas da arte oriental, entradas novamente na Europa, mas então pela Espanha, introduzidas pelos Árabes que no século VII sujeitaram ao seu domínio quase toda a península Hispânica.

Sente-se-a, mesmo, entre os artistas árabes, fabricantes, já então, dessas preciosidades, em Granada, Córdova e Sevilha – os três centros mais refulgentes da civilização árabe na Espanha – e depois quando, das mãos dos árabes, expulsos da Espanha, passou para as dos franceses, que logo variaram de assunto nos seus labores, movidos pelo amor à religião e também pela idéia de proporcionarem maior extração aos seus produtos, e foram buscar quase exclusivamente à história sagrada o assunto para os quadros representados nas suas telas, e admitidos, desde então, como ornamentos nos templos e nas festividades religiosas celebradas fora das igrejas.

Sente-se-a também quando se examinam os belíssimos panos de Arras, fabricados nessa cidade, hoje em ruínas, antiga capital dos condados de Flandres e de Artois, agora pertencente à França, e cuja grande nomeada lhe veio pelas tapeçarias que fabricava e exportava para todos os países da Europa.

Sente-se-a, depois, nas tapeçarias de Florença, Gênova e Veneza, modificadas pelo gênio artístico italiano, que lhes acrescentava seda, prata, ouro e lãs, suplantando as nações suas rivais, senão no primor artístico, pelo menos na riqueza e magnificência daqueles seus produtos, sem que, todavia, conseguissem suplantar os soberbos, os incomparáveis panos de Arras, que continuavam a ser os preferidos, tanto que o seu fabrico mal podia atender, no século XV, às imensas encomendas de todos os países da Europa.

Sente-se-a, ainda, nas tapeçarias de couro envernizado, com diversidades de labores dourados, prateados e pintados, de várias cores, que serviam para forrar paredes das salas mais ricas e mostravam mais profusão de desenhos recamados de ouro e prata, custando tão alto preço, que apenas se viam nos palácios dos soberanos e dos mais opulentos fidalgos, como os Duques de Bragança, em Portugal, que tinham nos paços de Vila Viçosa algumas salas com as paredes assim revestidas, como afirma Vilhena Barbosa.

Em Portugal, chamava-se a esta sorte de tapeçarias Guadamecim, e as mais notáveis fábricas eram as de Veneza e Córdova.

Sente-se-a, muito especialmente, neste gênero de arte quando se examina, com a alma, a mais bela das tapeçarias desse século, tomada a Carlos, o Temerário, pelos soldados do Duque de Lorena, na batalha de Nancis, em 1477.

O assunto dessa tapeçaria era de moral singularíssima. Compunha-se de vários quadros alegóricos imaginados para mostrarem os males resultantes dos abusos dos banquetes.

O primeiro quadro, representava um lauto banquete: no meio de uma rica sala, estava a mesa do festim e, em volta dela, sentadas, as figuras simbólicas do almoço, jantar e ceia, gulodices, intemperanças, boa companhia, passatempo etc.

Estes convivas, representados por damas e homens ricamente trajados, patenteavam, no rosto e nos gestos, o prazer e a alegria que sentiam. A um lado da mesa tocavam alguns músicos, e no lado oposto, faziam momices vários pelotiqueiros.

Em outro quadro, via-se um segundo banquete, na casa da Ceia. Em outro, um sarau no paço da Boa Companhia.

Em outro, ainda, representando um sarau, muitas damas e cavalheiros, figurando a Apoplexia, a Paralisia, a Epilepsia, a Cólica, a Febre, a Gota etc.

O último quadro representava um Tribunal de Justiça composto de diferentes juízes, simbolizados por outros tantos remédios e pela Dieta, Sobriedade e Abstinência, e presidido pela dama Experiência. Aqui, são julgados e condenados os culpados.

Nessa beleza, toda criada pelo homem, partícula racional, se sente bem essa Inteligência Universal, fonte de tudo quanto existe, e só a não sente quem tanto desceu, tanto se animalizou, que nem a si próprio procura conhecer.

Só tais seres é que não têm o sentimento do belo, da arte, demonstração da inteligência e dos sentimentos elevados, que até os próprios selvagens admiram na natureza, e aceitam como obra de uma força inteligente.

II - A Arquitetura e a Escultura

Na Arquitetura, nos seus custosos labores, nos seus rendilhados, produtos da partícula humana, esculpindo no mármore e no granito os altos feitos dos seus povos e dos seus navegadores, sente-se bem essa Força Inteligente, já descrita nas lições anteriores.

Sente-se-a quando os romanos, estendendo a luz da civilização até onde levaram as suas águias vitoriosas, implantaram na Lusitânia as artes que floriam em Roma, como se verificou na descoberta do teatro romano em Lisboa, a formosa coluna coríntia que serve de pelourinho na cidade de Setúbal, e muitas outras esculturas em mármore, prata e bronze desenterradas dentre as ruínas de Cetobriga, o templo de Diana, em Évora, com as suas formosas colunas coríntias de primoroso lavor, o arco triunfal de Sertório, na praça de Évora, e o templo de Versalete, Deus Endovélico, junto à Terena.

Por toda a Lusitânia espalharam os romanos monumentos riquíssimos do seu engenho, da sua arte soberba, monumentos que foram sendo destruídos, arrasados, e roubadas as suas preciosidades pelos Bárbaros do Norte que, nas suas invasões, nada respeitaram, principalmente o que pudesse dar idéia da grandeza artística, do adiantamento de Roma e de outros povos, e que era, então, como ainda hoje, arrasado, queimado, destruído e roubado por esses malfeitores de todas as épocas.

Nos estilos, pelos arqueólogos, como Vilhena Barbosa, de quem nos servimos, denominados Saxônio, Normando, Lombardo e Romano-Bizantino, que imperaram, na Idade Média, desde o século VI, até o XI, em que cederam o passo ao ogival, que se chama gótico puro, na arquitetura introduzida na Espanha pelos árabes, trazida do Oriente, especialmente na Andaluzia, os quais poetizavam no mármore, esculpindo, com opulenta fantasia, os brincados e formosos ornamentos do Alcazar de Sevilha, de Alhambra, de Granada e da sua mesquita de Córdoba, presentemente catedral; nesses estilos, e pelas modificações introduzidas pelos artistas árabes na Espanha, os quais, após a expulsão dos seus compatriotas, principiaram a inocular certas feições de sua arquitetura árabe no estilo romano-bizantino, ou gótico-normando, depois no gótico

puro, ou ogival, e, mais tarde, nas suas degenerações; em toda essa arquitetura, sente-se bem a ação da Força, da Inteligência.

Mas onde tudo se observa, mais claramente, é, de fato, em Portugal, a datar de Afonso Henriques, e após haver por completo arremessado os mouros para além das praias do Algarve, e, assim, resgatado todo o solo de Portugal, principiando-se nesse país a cuidar da arquitetura e escultura, aí, nesse legendário ninho de cristãos sem jaça e de heróis e sábios de verdade.

A Inteligência Universal é realmente sentida:

No convento de Tomar, fundação dos Templários, cujo exterior do coro, ainda bem conservado, representa uma das maiores e mais admiráveis obras de arte, talvez a mais original que Portugal produziu neste ramo, segundo afirma Alberto Haupt.

Na grandeza, nos primores de arte dessa casa dos Templários Portugueses, e nos altos feitos do grande e valoroso Don Gualdim Pais, mestre dessa Ordem, o maior guerreiro e monge daquela época, aos quais, Ordem e Mestre, deve el-rei D. Afonso Henriques, e assim Portugal, os mais relevantes serviços.

Nesse, pode-se dizer, primeiro grande Condestável de Portugal, do tempo de Afonso Henriques, como foi Nuno Álvares Pereira, no tempo de Dom João I, tiveram Portugal e Jesus, um servidor valente e dedicado, como poucos na Terra existiram, e também nele se pode sentir a Força, a Inteligência Universal, enfim.

No mosteiro e templo de Santa Maria da Vitória, chamado da Batalha, fundado por D. João I, em comemoração da vitória que alcançou em Aljubarrota contra os castelhanos, a 14 de agosto de 1385, estilo normando-gótico, tendo de comprimento 108 metros, por 83 de largura, todo de cantaria rica.

Na majestade da capela que encerra, nesse importante templo, o belo mausoléu de mármore branco do mesmo rei e da rainha D. Felipa, rodeados de seus filhos, os príncipes perfeitos, e assim em toda a arte de canteiro que se ostenta nesse monumento, no maior grau de perfeição.

No estilo gótico, florido, também conhecido por Manuelino, por coincidir com o Governo de D. Manuel I, que se observa no Mosteiro de Belém, em Lisboa, denominado dos Jerônimos.

Na aliança caprichosa, mas engraçada, como diz Vilhena Barbosa, dos mais opostos estilos arquitetônicos – rico museu de variadíssimos espécimens de ornamentação imaginosa e delicada – estão escritos os descobrimentos e conquistas do rei Afortunado (D. Manuel I), as façanhas dos portugueses em todos os mares e regiões do globo, a transformação que iam eles operando em seus hábitos e costumes, e as riquezas e o trato comercial com tantas gentes estranhas.

Naquelas esbeltas colunas, brincados, labores e rendas sutis, que todos admiram, no soberbo claustro, na porta lateral desse monumento, no qual se acha gravada a história das navegações de Portugal, cuja imponência, figuras e rendilhados causam o assombro de todos os estrangeiros que o visitam.

Depois desses dois colossos de arte, de arquitetura, de escultura, de saber profundo e patriotismo incomparável, sente-se ainda a Inteligência Universal, no mesmo glorioso país, no célebre mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, fundado, em 1170, por

D. Afonso Henriques, onde se acham os túmulos de D. Inês de Castro e de D. Pedro I, o Justiceiro, e se ostentam belezas em profusão.

Nesses quatro monumentos grandiosos, belos, dignos de um povo composto de heróis, lutadores, como o desse Portugal civilizador e cristão; nesse mosteiro da Batalha, onde a arte de canteiro se ostenta, na maior perfeição; no de Tomar, na casa imponente e querida Ordem dos Templários, que depois passou à Ordem de Cristo, dentro da qual o infante navegador planeou as grandes navegações que deram ao mundo novos mundos; no de Belém ou dos Jerônimos, e no de Alcobaça, construído 200 a 300 anos antes dos primeiros; nessas maravilhas de arte, sente-se bem claramente a Inteligência Universal, que por intermédio das suas partículas humanas, evoluídas, podia criar e apresentar tais maravilhas que ainda hoje assombram os que as visitam, como relíquias importantes de uma época civilizadora, a mais proveitosa de todas as conhecidas.

Diante de tais provas, não pode o ser humano, por mais pobre de sentimentos do belo e do grandioso, deixar de curvar-se, ao menos maquinalmente, em sinal de respeito, diante dessa grandeza, dessa arte, desse produto da Inteligência Universal, por intermédio das suas partículas lusas que por Jesus, pela Pátria e pela Liberdade, quer de corpos, quer de consciências, sempre se bateram e nunca foram vencidas.

III - A Ourivesaria

Na ourivesaria, belíssimo e difícil ramo da arte, se observam também o supremo saber e grandeza da Inteligência Universal, quando se examinam os notáveis trabalhos em ouro e prata executados por artistas de raça, especialmente os de Portugal, em cuja especialidade ninguém lhes levou a palma.

Verdadeiros monumentos artísticos produziram, nesse sentido, os artistas do Porto e de Guimarães, cuja alma patriótica e bondosa era por eles posta em todos os seus soberbos trabalhos.

Dentre esses artistas notabilíssimos, destaca-se o notável mestre Gil Vicente, ourives de profissão, natural de Guimarães, tio do grande dramaturgo do mesmo nome, no tempo de Manuel I, o Venturoso.

Sente-se-a, bem nitidamente, nessa sua partícula do ourives de Guimarães, ao produzir o monumento mais grandioso que nesse gênero se conhece, e que se denomina, em arte sacra, a Custódia, conhecida pela designação de Custódia de Belém, que rivaliza em labores, em concepção e grandeza artística, com os soberbos monumentos graníticos da Batalha e de Belém, por nós já descritos, ainda que palidamente.

Essa Custódia, esse monumento, é de ouro lavrado e esmaltado, e tem sido diversas vezes descrito pelos mais notáveis especialistas da Europa.

Figurou na bela exposição de arte sacra ornamental, promovida pela Comissão do Centenário de Santo Antônio, em Lisboa, no ano de 1895, onde tivemos a felicidade de o admirar.

Eis a sua descrição feita pelo grande escritor Ramalho Ortigão: *

“A Custódia de Belém é de ouro lavrado, e esmaltado.”

“No friso inferior, lê-se, em letras de esmalte branco, a conhecida inscrição:

O muito alto Príncipe e poderoso Senhor Rei D. Manuel I, mandou fazer do primeiro dos párias de Quiloa (Índia).”

“A base do plano oval é repartida em: casamentos de flores e aves esmaltadas e esculpidas em alto relevo.”

“O nó é constituído por seis esferas armilares. As figuras em vulto, policrômicas, dos apóstolos em adoração, circundam o pé do hostiário.”

“A cúpula, de cujo fecho se suspende o símbolo do Espírito Santo sobre a imagem de São Pedro abençoando, é do mais fino estilo gótico, perpendicular, prodigiosamente florido.”

O Sr. Charles Iriarte, referindo-se a essa jóia, em um artigo consagrado à exposição-retrospectiva de 1882, na *Gazette des Beaux Arts*, exprime-se nos termos seguintes, que transladamos, porque eles têm um duplo relevo, já que formulados por uma pena estrangeira:

“É uma obra excepcional, em muitos pontos-de-vista: tem todos os gêneros de merecimento e de interesse. Considerada pelo técnico, é de uma execução extraordinária; os seus esmaltes, num país onde eles se executavam de uma maneira relativamente inferior, são de um brilho nunca visto, e de solidez jamais demonstrada. Parecem colaborados por Limoges. A composição é engenhosa, arrojada e audaz.”

“O artista que desenhou o monumento, patenteou as suas qualidades inventivas e a sua fertilidade de imaginação, até ao ponto de fazer ler na sua obra-prima as preocupações e a história do tempo que a viu nascer: Vasco da Gama, voltando do descobrimento de um novo mundo, traz ao Rei, que confiou nele, o primeiro ouro que pagaram as tribos subjugadas.”

“D. Manuel encomenda ao seu ourives um monumento comemorativo do grande feito do seu reinado, como ao seu arquiteto havia encomendado o soberbo Mosteiro de Belém.”

“Não precisaria o artista escrever a sua legenda histórica na base desta Custódia; as esferas que entram nas armas do seu Rei, as aves esmaltadas de cintilante plumagem, as flores e a vegetação das índias que ornam a base, são inteiramente um símbolo.”

“É bem esta uma obra típica histórico-nacional, eminentemente portuguesa; é o ponto de partida de toda uma série de obras da mesma natureza; é um estádio, uma data, um padrão.”

“Tem, de altura, 83 centímetros”.

* * *

Por essa descrição feita por um especialista e crítico estrangeiro, dos de maior nomeada, se pode bem avaliar a grandeza da partícula da Inteligência Universal que engendrou e executou esse monumento, nesse gênero, sem dúvida, o mais belo e grandioso de quantos existem na Terra; nestes e noutros assombrosos monumentos de arte, poderiam os materialistas, se soubessem raciocinar e digerir o que lhes é dado para ler, e quisessem, de fato, ser sábios e honrados, amados pelo saber e pelas suas virtudes, chegar à conclusão de que todo o efeito inteligente só pode ter por causa um elemento inteligente, que é a Força, a Inteligência, que tudo incita e movimenta, a ponto de incitar

e movimentar o corpo físico de um artista, como esse Gil Vicente, que afirmam haver levado 18 anos para concluir esse monumento de arte verdadeiramente portuguesa.

IV - A Pintura

Precisando terminar a descrição da ação da Inteligência Universal, e como Ela se sente e observa em tudo o que tem vida, ou pelo que é produzido por suas partículas, vamos, ainda, observá-la e senti-la na pintura.

Percorramos os museus portugueses, espanhóis, italianos, belgas, holandeses, franceses, brasileiros e outros, ou leiamos os trabalhos existentes sobre eles, raciocinando, para que dessas grandes belezas a alma sinta os benéficos efeitos e possa bem avaliar do quanto é capaz o espírito humano, quando se eleva além dos instintos, para expressar-se através da arte e do belo.

Orientado o ser humano, teórica ou praticamente, nesse sentido, afirmará ele, com verdade, que se sente a Inteligência Universal, em toda a sua grandeza, na pintura:

Nas escolas espanholas, chefiadas por Ribera, Velasquez, Murilo e Goya:

Ribera, imitando o martírio em todos os estados, tons e cores, mundos de agonias, sensações violentas, dores lancinantes e suplícios brutais.

No martírio e na resignação dos espíritos evoluídos, demonstra bem o que era a sua alma: desde São Pedro, São Paulo, Santo André, São João, até São Francisco de Assis.

Todos esses espíritos com o semblante lívido e o peito descarnado, são outras tantas expressões de dor serena, de abnegação e resignação, como afirmam os que sabem ver e sentir as pessoas e as coisas sérias da vida.

Velasquez, que a tantos comove, ao transportar para as telas, com rara observação e maravilhas de pincel, com uma verdade que palpita e uma técnica inexcelável, a vida operária, guerreira ou elegante.

Murilo, na graça ingênua das suas virgens, na inocência do Menino Jesus e São João, na parábola do Filho Pródigo, no Sonho do Patrício, na dolorosa bondade de Santa Isabel de Hungria, curando os leprosos, é, como afirma um dos críticos seus, “uma aurora que canta nos lábios em flor do Menino-Deus, e um crepúsculo que chora na face amargurada do ‘Ecce Homo’, não parece que pintou com a mão, e sim que foi uma alma sutil e branca, que mergulhou no orvalho dos lírios e resvalou nas nuvens altas”.

Estes e Goya, que é arrebatado, sinistro, audacioso, alegre, triste, irônico, perverso, tempestuoso e sereno, com fulgores e penumbras, quando transporta a vida para as suas telas, provam, bem claramente, que a Inteligência Universal se constata na pintura, como em todos os outros ramos da arte, criada pelo homem.

Nas escolas italianas, das quais se destacam: a Toscana, a Veneziana, a Romana, a Florentina, a Lombarda e, assim, os seus queridos filhos, como Montegna, Ticiano, Giorgione, Tintoretto, Paulo Veroneze; da escola Veneziana, Van Vitelli, Giolio Romano, Penini e Rafael, este, o primeiro entre os primeiros, dessa escola; o Rafael, da decoração do Vaticano, em 1508, quando o grande Miguel Ângelo começava a decorar a Capela Sixtina, além de outros grandes mestres dessa arte; em todos eles, sente-se a Vida Superior, a Inteligência Universal, como nas escolas francesas, flamengas, holandesas, cujos príncipes foram Rubens, Van Dyck e Rembrandt.

Dentre as celebridades brasileiras, desde o século XVII até aos nossos dias, se destacam:

Vitor Meireles, natural de Santa Catarina; Pedro Américo, natural de Areias, Estado da Paraíba; João Zeferino da Costa, Rodolfo Amoedo, naturais do Rio de Janeiro; Almeida Júnior, natural de Itu, Estado de São Paulo; Décio Vilares, natural desta cidade; Aurélio de Figueiredo, natural do Estado da Paraíba, irmão de Pedro Américo; Antônio Parreiras, natural de Niterói; Belmiro de Almeida, natural de Minas; Oscar Pereira da Silva, natural de São Fidélis, Estado do Rio; Benedito Calisto, natural de Conceição de Itanhaém, litoral de São Paulo, que fariam a honra e glória de qualquer país, nas produções magníficas em figuras, em assuntos de guerra, em paisagens, em marinhas, estas lindíssimas, quentes, repletas de Sol e de luz, como as soberbas de Benedito Calisto, que nesse gênero e, sobretudo, em águas paradas, e na cópia fiel da natureza do litoral paulista ainda não foi igualado; desses notáveis pintores verdadeiramente brasileiros, cuja alma se retrata nas suas telas vivas, palpantes, coloridas, belas, como a luz, o sol e a atmosfera deste Brasil querido, em todos esses notáveis vultos da arte brasileira, nas suas cintilantes produções, sente-se a Inteligência Universal em toda a sua grandeza, porque só ela, por intermédio dessas partículas suas, é que tais monumentos de arte podia produzir, e que tais primores podia legar à humanidade.

Se nessas belezas imensas, produtos da Inteligência Universal, não a sentem os materialistas, não é nossa a culpa, nem desses mestres, e sim, e somente sua, por não quererem raciocinar e colocar-se em condições de seres humanos, que tudo precisam saber, sentir e saber até explicar racional e cientificamente.

V - A Poesia

A inteligência Universal também é sentida na poesia de todos os tempos, até na dos nossos dias, embora agora numa decadência tristíssima:

Sente-se-a em Homero – o mais antigo e mais célebre dos poetas gregos – quando canta, na sua “Ilíada”, os efeitos da cólera de Aquiles, as desgraças dos gregos, depois do cerco de Tróia, e na “Odisséia”, as viagens de Ulisses, errante, de terra em terra, depois da tomada de Tróia;

Em Sófocle, em Píndaro, o mais célebre poeta lírico grego, nos seus cinco hinos divididos em quatro partes; em Anacreonte, também poeta lírico grego, todos antes de Jesus.

Sente-se-a, não só nos poetas gregos mencionados, como nos grandes poetas latinos, tais como:

Vírgílio, príncipe dos poetas, já nas proximidades da vinda de Jesus; em Horácio, nas suas riquíssimas “Odes”; em Propércio, nas “Elegias”, repletas de ternura, tristeza, queixumes, pesares, receios e saudades, sentir real das almas humanas; em Ovídio, nas suas “Metamorfoses”, que, por notáveis, sublimes, mereceram a honra da tradução para o português feita pelo notável luso Castilho (António).

Como nos gregos e nos latinos mencionados, sente-se-a nos franceses, como Corneille, nas suas sublimes tragédias; em Racine, um dos maiores poetas trágicos franceses; em Boileau, em Voltaire, este, célebre poeta trágico, cujo teatro, desde o “Édipo” até o final, lhe dão um lugar de destaque entre os grandes vates da sua França; como Pope, Shakespeare, o imortal teatrólogo que até hoje faz as delícias de toda gente;

em Lord Byron, cujo poema “Child Harold”, lhe valeu honrosa classificação entre os grandes poetas da Inglaterra.

Como nos gregos, nos latinos, nos franceses e nos ingleses, sente-se-a nos grandes poetas italianos, como Ariosto, no seu “Orlando Furioso”, onde canta as façanhas dos paladinos, unindo, com arte inimitável, o jocoso e o sério, o gracioso e o terrível; em Petrarca, grande épico lírico.

Em Tasso (Torquato), Metastásia, nas suas tragédias líricas e óperas de diversos gêneros, que lhe valeram a reputação de um dos maiores poetas da Itália, no século XVI; em Dante Alighieri, célebre entre os mais célebres florentinos, na sua “Divina Comédia”, inteligentemente traduzida para o português pelo notável Xavier Pinheiro, cujo vernáculo é bem digno da obra de Dante.

Nos espanhóis, como Cervantes, célebre autor de “D. Quixote”; Calderón de la Barca, consagrado poeta dramático; Lope de Vega, um dos mais notáveis poetas da Espanha, no seu enorme repertório dramático; Garcilaso de la Vega, notável poeta do século XV; e nos alemães Schiller e Goethe, grandes poetas, os primeiros entre os maiores de sua pátria.

Sente-se-a, depois, nos poetas portugueses, desde Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Francisco de Andrade, este no seu “Cerco de Diu” (1589), e no sublime, no incomparável Camões, no seu deslumbrante “Os Lusíadas”, e outras poesias diversas.

Em todos esses grandes poetas épicos, didáticos, descritivos, trágicos, filosóficos, elegíacos, em todas essas glórias de todos os tempos, sente-se a Inteligência Universal, descrevendo, com superior engenho e arte, toda a natureza, toda a vida, todas as lutas, todos os sofrimentos, todas as glórias do homem na Terra.

Nos nossos dias também é ela sentida, com bastante nitidez, em Garrett, no seu teatro e fora dele; em João de Deus e Antero do Quental, únicos santificados em vida pela mocidade do seu lindo país; em Antonio Feijó, Nobre, e, sobretudo, no monumental, no incomparável Guerra Junqueiro, o qual, na “A Velhice do Padre Eterno”, no poema “Aos Simples”, diz estas maravilhas:

*A minha mãe faltou-me, era eu pequenino.
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!*

*Ó crentes, como vós, no íntimo do perto,
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal,
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.*

*Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão cintila:
Tirai o corpo – e fica uma língua em chama...
Tirai a alma – e resta um fragmento d'argila.*

*Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há de guardar por sua própria mão,
Numa jaula de ferro a alma de Lucusta
Num relicário d'ouro a alma de Platão.*

*Mas – também acredito, embora isso vos pese,
E me julgueis talvez o maior dos ateus,
Que no Universo inteiro há uma só diocese
E uma só catedral, com um só bispo – Deus*

*.
.*

*Cultos, religiões, bíblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompéia.
Exumemos a fé nesse montão de escombros,
Desentulhemos Deus desse aluvião de areia.*

*E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Há de fazer na mesma aspiração reunida
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois pólos da vida.*

Em “O Melro”, diz, ainda, esse grande luso, o maior poeta do século:

*Tudo que existe é imaculado e é santo!
Há em toda miséria o mesmo pranto
E em toda o coração há um grito igual.
Deus semeou d'almas o Universo todo.
Tudo o que vive ri, canta e chora...
Tudo foi feito com o mesmo lodo,
Purificada com a mesma aurora.
O mistério sagrado da existência.*

Só hoje te adivinho,

*Ao ver que a alma tem a mesma essência,
Pela dor, pelo amor, pela inocência,
Quer guarde um berço, quer proteja um ninho!
Só hoje sei que em toda criatura,
Desde a mais bela até a mais impura,
Ou numa pomba ou numa fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!*

.

.
Há mais fé e há mais verdade
Há mais Deus, com certeza,
Nos cardos secos d'um rochedo nu
Que nessa bíblia antiga ... Ó natureza,
A única bíblia verdadeira és tu ...

* * *

Debaixo desta linda atmosfera tropical, desta luz brilhante, sente-se-a nos grandes poetas, desde os tempos coloniais até à nossa época, e dentre os maiores, destacamos Gonçalves Dias, o belíssimo cantor da sua terra, cujas palmeiras, onde canta o sabiá, não têm rival no mundo; em Fagundes Varela, Castro Alves, Casimiro de Abreu, que fariam a honra e a glória de qualquer país, sem contar muitos outros de que está cheio o Brasil, e que tão admiráveis sabor, colorido e vida têm sabido dar à poesia nacional.

Nessas partículas da Inteligência Universal, produzindo coisas maravilhosas, próprias, suas, sente-se bastante a Inteligência Universal, para se poder afirmar que só a pode negar quem não sabe sentir, não sabe amar, não sabe respeitar-se a si mesmo e aos seus mais queridos.

Na poesia, como na música, é onde o homem, partícula inteligente, mais elevadamente pensa, age e produz, porque nesses momentos de produções poéticas e musicais, o ser se desprende da vil matéria, à qual se acha ligado, deixando nela apenas a vida anímica, penetra nas atmosferas brancas, diáfanas e de luz puríssima, e nelas envolto e casado com as forças que nelas existem, retrata-se nos seus versos tal qual é, a ponto de fazer-nos olvidar as torturas e misérias por que passamos neste degredo, quando os lemos.

Pairando esses poetas fora das coisas materiais, produzem belezas sem conta, filhas da vida eterna, onde tudo é harmonia, liberdade, fraternidade, amor e carinho, e por isso vida incompreensível pela maioria dos outros seres, literatos da época, que só se tornam dignos dos aplausos dos materialistas e gozadores.

Fora, porém, de tais poetas e literatos de fancaria, não há quem não veja e não a sinta, em todas essas admiráveis manifestações de grandeza espiritual, demonstrada pelos poetas mencionados nas suas lindíssimas produções.

VI - A Música

A Inteligência Universal, na música, sente-se de maneira tão intensa, tão empolgante, que nem os irracionais, desde a serpente, ao cão, ao cavalo, até os alados, dentre os quais se destaca o melro, negro, vibrante, luzidio, bico amarelo, “madrugador, jovial que dentre os arvoredos, logo de manhã cedo, solta risadas de cristal”, escapam à sua real e deificadora influência.

Em todas as artes se sente essa Força, essa Inteligência, através das imensas belezas que produz; mas na música, em qualquer dos seus gêneros, demonstrando diversos estados da vida dos seres, da atmosfera e coisas deste planeta, desde as tempestades cruentas, tétricas, até ao raiar da aurora em dias primaveris, que traz alegria para todos os seres, ela é tão realmente sentida, que chega a tornar-se visível na luz da

aura, que envolve as suas partículas, produtoras dessas incomparáveis belezas espalhadas por todo o planeta.

Das belas artes, é de fato, a música, a que mais se eleva, se salienta e nos faz sentir e compreendê-la em toda a sua grandeza.

É ela que nos faz sentir o que são “os cânticos harmoniosos dos destinos flutuantes, e assim a expressão verdadeira da sina e da vida, neste amplo deserto, onde meditados enganos, na tempestade ou na calmaria, se apossam de nós, nos subjugam, nos prendem ou cativam, na maior parte do tempo, sem um raio de luz, sem um brilho de consciência; cegos, neste sonhar acordados, entrelaçados de encantos, de magias, filhos da matéria e dela escrava, até ao raiar da aurora da vida, que é o acordar do espírito, já livre do seu corpo material, em pleno mundo diáfano que lhe é próprio”.

É a música que mais facilmente nos faz compreender que, na grandiosa obra da Inteligência Universal, tudo se encadeia, derramando torrentes de harmonia, e que nas sábias leis que conduzem à perfeição, que produzem desde o mais insignificante grão de areia, desde o mais pequeno inseto, desde o mais microscópico átomo, aos grandes planetas dispersos no infinito, tudo toma o estado preciso ao meio e às correntes fluídicas, para permitir uma vida duradoura, de harmonia com as irrevogáveis leis da natureza.

É ela, a música, que nos faz compreender tudo isso e mais: que de fato os mundos têm suas leis sábias, e que os seres humanos, sujeitos, como tudo, a essas leis, estão ligados fluidicamente a todos os seres inteligentes, corpóreos e incorpóreos, recebendo irradiações do mundo espiritual, conforme a sua vontade e a natureza dos seus pensamentos.

– E por que tão nitidamente, tão claramente, a música nos faz sentir a Inteligência Universal em toda a sua grandeza?

– Porque, em virtude desses princípios que aqui ficam mencionados, a alma do artista, no momento em que se dispõe a produzir, em virtude da lei da atração, eleva-se e religa-se aos grandes planetas, e ali, envolta na luz astral que lhe é própria, na grande, na diáfana, na pura atmosfera desses mundos, em presença da luz, da força, da inteligência, que reside neles, como se já fora completamente desprendida da torturante atmosfera do mundo físico, vive ela e sente a verdadeira vida da alma humana.

E nesse estado de plena liberdade, amparado e intuído por entidades puras, é que ele produz essas harmonias, essas verdadeiras belezas da alma, que tão benéfico efeito produzem em todos os seres da criação, especialmente no ser humano.

Nesse produzir de harmonias, de belezas incomparáveis, nesse sentir grandioso e belo, destacaram-se: Giovanni Pierluigi da Palestrina, do século XV, da escola clássica italiana, que deixou os sublimes corais até hoje apresentados e sempre executados com toda a veneração e relevo pelas massas corais da Capela Sixtina, do Vaticano, e ainda agora executados e regidos pela batuta magistral do grande Perosi; Girolamo Frescobaldi, do mesmo século; Alexandre Scarlatti, Domenico Scarlatti, Francesco Durante, Leonardo Léo, Nicola Póspora e Benedette Marcelo, todos do século XVI, notáveis pelas suas composições; Gaetano Donizette, do século XVII, para o décimo oitavo; Vincenzo Belini, Savério Mercadante Gioacchino Rossini, Giuseppe Verdi e outros, do século XVIII, que se distinguiram na ópera italiana, assim como o foram François Couperin, Baptista Lully e outros, da escola clássica francesa, do século XVI e princípios do XVIII, e por Etienne Henry Mehul, François Espirit Auber, Ferdinand

Herold e outros, também franceses, que se dedicaram ao característico sinfônico, quartetos e instrumental em geral.

Por Heinrich Schutz, Sebastian Bach, Friedrich Handel, da escola clássica alemã, dos séculos XV e XVI; Mozart, Beethoven, Schubert, da mesma escola, do fim do século XVII para o XVIII; Meyerber, von Weber, Mendelssohn, da escola romântica-lírica alemã: Richard Wagner, Franz Liszt, Johannes Brahms, da ópera alemã do século XVIII, estes produtores; e pelos executores pianistas célebres, como: Sigmundo Thalberg, Anton Rubinstein, Antoine de Kontsky, Joseph Wieniaeski, Clara Schumann, assim Viana da Mota, Artur Napoleão e muitos outros, dos nossos dias; seres olvidar o imortal Paganini, da escola violínica, que, com o seu mágico e lendário violino, tanto deu e continua a dar que falar, não só pelas suas difíceis composições, como também pela inimitável execução.

Foram todos esses grandes produtores e executores de harmonias várias, exprimindo sentires diversos; foram esses tradutores maravilhosos dos grandes temporais nas serras, nos oceanos, já deslocando penedos de alturas enormes, já envolvendo em trovões, raios, coriscos dantescos, montanhas, vales, cidades, aldeias, palácios, choupanas e navios, em pleno revolto e tormentoso oceano.

Foram e são esses gênios musicais, que mais fizeram e fazem sentir a Inteligência Universal na sua grandeza imensa, nessa música, toda encantos, toda beleza, expressão verdadeira, sentir completo da alma evoluída, e que muito tem concorrido para a remodelação do caráter dos seres.